

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Fevereiro - 2022
Ano LXXII - Nº 12
R\$ 9,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 9,00

Eliézer Rolim:

**Exclusivo: os detalhes do documentário inédito
que narra a vida e a obra do cineasta, morto
aos 61 anos, em decorrência da Covid-19**



Livro que retrata a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União. Produzido com a participação dos cronistas do jornal.

R\$30,00

Locais de Venda:

- Editora A União (3218-6500)
- Rádio Tabajara (83 9105-5864)
- Sebo Cultural (3222-4438)
- Livraria do Luiz (3576-5573)
(99317-6944)

A UNIÃO

EDITORA
A UNIÃO


EMPRESA PARANAENSE
DE COMUNICAÇÃO

O olhar de Eliézer

Paraibano da sertaneja cidade de Cajazeiras, Eliézer Rolim construiu uma obra inteligente, dinâmica e bem fundamentada, em teatro e cinema, baseada nas relações humanas. Esse conjunto ganhou uma visibilidade mais acurada após a morte do diretor, dramaturgo e professor no dia 2 de fevereiro, em decorrência de complicações provocadas pela Covid-19.

Dividindo-se entre a arte de ensinar no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ele procurou dar sua visão de mundo a assuntos "do interior", como a relação familiar no seio da prostituição (*Beijo de estrada*, peça que rodou o Brasil nos anos 1980, projetou a atriz Marcélia Cartaxo e, em 2018, virou filme), a vida em Cajazeiras (através da cinebiografia do Padre Inácio Rolim, no filme *O Sonho de Inacim*, de 2009) e as crendices do povo Nordeste (tema que deu origem à comédia *Como*

Eliézer Rolim construiu uma obra inteligente, dinâmica e bem fundamentada, em teatro e cinema, baseada nas relações humanas

Nasce um Cabra da Peste, um clássico da dramaturgia paraibana).

Esse olhar sobre a obra de Eliézer, assim como sobre a vida pessoal e sua contribuição na formação de novos arquitetos e urbanistas, é o que impulsiona nossa matéria capa neste mês de fevereiro, mais um material de fôlego

que se pretente uma espécie de dossiê-homenagem, a partir do relato da esposa, Rosângela de Souza Miná Rolim, e de amigos próximos, todos artistas e professores que privaram da companhia e do talento do diretor e dramaturgo.

Arte Moderna

Matéria de capa da edição de janeiro, bastante elogiada por nossos leitores, o centenário da Semana de Arte Moderna continua repercutindo, desta vez através de uma série incrível do professor, poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, que a partir desta edição, e até o fim de 2022, irá brindar o **Correio das Artes** com um extenso e absolutamente imprescindível material a respeito dos impactos que o evento teve na Paraíba.

Boa leitura!

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



EMPODERAMENTO

Reportagem de Linaldo Guedes mostra como o movimento Mulherio das Letras tem atuado junto a escritoras do Sertão da Paraíba.



SCHOLIA

A partir de um estudo sobre a obra "Os Sertões", de Euclides da Cunha, o professor Milton Marques Jr. ensina o que é uma verdadeira edição crítica.



LANÇAMENTO

Clemente Rosas comenta o novo livro do político e presidente da Academia Paraibana de Letras, Ramalho Leite: 'Era o que tinha a dizer'.



CENTENÁRIOS

Na coluna Imagens Amadas, João Batista de Brito contextualiza a produção cinematográfica de 1922 e destaca 'Nanook, O Esquimó' e 'Nosferatu'.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória

DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda Santos
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRO E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

A arte DE SER O MESTRE Eliézer

Alexsandra Tavares

lekajp@hotmail.com

Dramaturgo, cineasta, professor de arquitetura e urbanismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Esses são apenas uns dos talentos do cajazeirense Eliézer Leite Rolim Filho, esposo de Rosângela de Souza Miná Rolim, pai de Minna e Kauê. Um artista no qual a dualidade não fazia parte da sua rotina, pelo contrário, ele transitava pelo cinema, escrita, arte cênica e a vida de mestre com o mesmo apreço e competência. “O amor dele era pela arte, era uma pessoa plural. Na sala de aula, também tinha uma grande alegria em ensinar”, destacou Rosângela, que foi casada durante 28 anos com o paraibano.

Muitas foram as manifestações de pesar pela morte do artista no dia 2 de fevereiro, por complicações da Covid-19. Nas matérias da imprensa ou na nota de compadecimento divulgada pela UFPB, havia sempre o registro da diversidade criativa e respeito pelo profissional. A filha Minna Miná Rolim, que voltou de Portugal, onde estava morando, para fazer companhia à mãe, em João Pessoa, falou nas redes sociais sobre os ensinamentos deixado pelo pai. “Ele me ensinou a enxergar leveza e poesia mesmo nos momentos mais difíceis e transformou nossas vidas através de seu amor à Deus, e sua dedicação à arte e ao ensino”.

A família pretende homenagear o patriarca por meio do documentário inédito “Meu Pai, Eliézer Rolim”, iniciado há cerca de um ano, sendo concluído agora em janeiro. A obra trata da trajetória profissional de Eliézer Rolim e sobre a arte. ▶

► Quando surgiu a ideia de fazer o filme de 30 minutos sobre um artista paraibano, Rosângela contou que Eliézer relutou em ser o foco do trabalho, mas a insistência da família o convenceu a aceitar a missão. “Esse documentário ainda não foi lançado e queremos fazer essa homenagem a ele, que só distribuía amor e beleza por meio da arte. Estamos procurando uma TV local para exibir o filme ainda em março”, frisou Rosângela.

Com recursos da Lei Aldir Blanc, via Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB), *Meu Pai, Eliézer Rolim* tem direção do próprio Eliézer e da filha Minna Miná Rolim, que atuou como assistente de direção. Entre os participantes estão depoimentos de familiares e de profissionais que trabalharam com Eliézer, nos bastidores, como iluminador, cenógrafo e figurinista.

HUMANO AGREGADOR

A homenagem póstuma certamente deve fazer jus à história de luta, disciplina e humildade que tanto é evocada na voz da esposa Rosângela. Segundo ela, o marido era um ser humano agregador, desprovido de preconceitos, pai presente e amoroso, que cultivava valores “do bem”, e trabalhava o aperfeiçoamento não apenas na profissão, mas também como ser humano e na espiritualidade. “Ele era uma pessoa ecumênica. De família católica, rezava o terço, mas também praticava mantra, gostava de Tai shi Chuan, ou seja, o que era do bem ele abraçava”.

Rosângela acrescentou que há vários anos o casal participava dos ensinamentos dos Mestres da Grande Fraternidade Branca, adotando uma prática frequente de orações. “Até nisso ele era plural, porque essa escola estuda as 12 religiões do mundo”.

E foi minutos depois de ter participado, com a esposa, de um desses momentos de oração que Eliézer, no décimo dia pós diagnóstico de Covid-19, sentiu uma forte dor no peito. A ida ao hospital foi inevitável, mas para surpresa de todos, no dia 2 de



FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA

Rosângela, com quem Eliézer foi casado por quase 30 anos, diz que o amor dele era pela arte e que na sala de aula o diretor, dramaturgo e professor também tinha uma grande alegria em ensinar



Esse documentário ainda não foi lançado e queremos fazer essa homenagem a ele, que só distribuía amor e beleza por meio da arte.”

Rosângela Rolim

UMA TRAJETÓRIA DE SUPERAÇÃO

Basta nos aprofundarmos um pouco na trajetória de Eliézer Rolim, para entendermos sua força e determinação. Nascido em 1961, na Rua Higino Rolim, no município paraibano de Cajazeiras, ele conheceu ainda criança a estabilidade e segurança típicas de uma família de classe média alta, e também o outro lado da moeda, ou seja, as agruras de uma família que precisou batalhar para se manter. Talvez a mudança drástica de vida ainda tão pequeno, tenha lhe deixado mais preparado para enfrentar os desafios do mundo.

O pai do artista, Eliézer Leite Rolim, já falecido, era proprietário de terras e um próspero comerciante da região naqueles anos de 1960. A mãe, Raumita Coelho Rolim, se dedicava à família e aos cuidados do lar, com a ajuda dos empregados. A vida transcorria sem so-

bressaltos, dentro de um cenário financeiro sólido. Porém, com a saída do pai de casa, Raumita teve que assumir as responsabilidades da casa e prover o sustento dos filhos. “Ela foi uma mulher muito guerreira”, declarou Rosângela Rolim, sobre a sogra, também falecida.

O tio materno, padre José Sinfrônio, prestou todo seu apoio e solidariedade, tornando-se uma espécie de conselheiro da família. Foi o padre Sinfrônio quem levou o pequeno Eliézer, por volta dos 9 anos de idade, para o internato no Colégio Diocesano Dom João da Mata, no município paraibano de Itaporanga, distante mais de 90 quilômetros de onde a criança morava. Foi nesse local que o menino manteve contato com o teatro, arte que nunca mais abandonou. Quando voltou para casa, já adolescente, o gosto pelas artes cênicas só aflorou. “Ele passou a adolescência escrevendo e fazendo teatro com os amigos da rua”, declarou Rosângela.

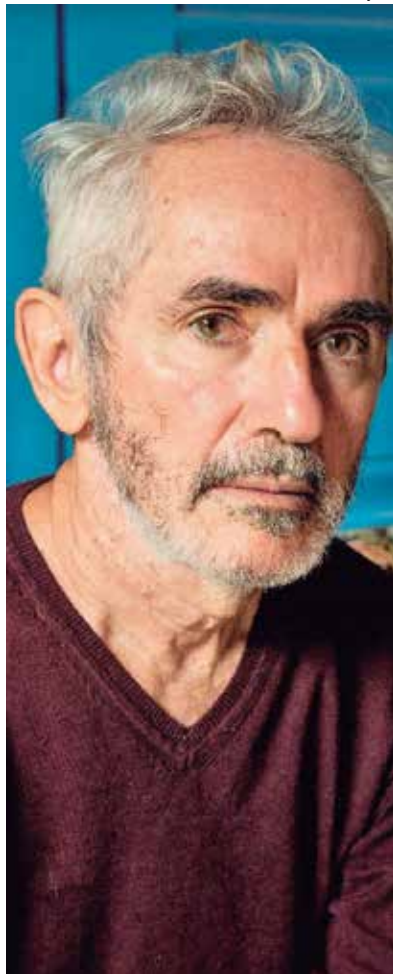
Dessa experiência, o jovem Eliézer criou na cidade natal o

Grupo Teatral Mickey que evoluiu, tornando-se, mais tarde, o Grupo de Teatro Terra, considerado um dos mais importantes do movimento cultural da Paraíba. Ganhou destaque e prêmio nacional, com o espetáculo *Beijo de Estrada*, outorgado pelo Projeto Mambembão (1979).

Assim iniciava a caminhada de Eliézer no universo da criação teatral, onde sempre circulou com maestria, liberdade e paixão, se enveredando posteriormente pelo cinema e também arquitetura.

Contudo, a experiência do passado deixada pela partida do genitor, e as causas que a motivou, talvez tenha impactado tão fundo na alma do menino Eliézer que, já adulto, adotou por muito tempo o sobrenome Filho. Mas como um ser que buscava a constante evolução, procurou superar essa passagem da sua história. Até que, em um determinado e oportuno momento, selou a reconciliação com o pai. O fato contribuiu para que ele assumisse posteriormente o sobrenome Rolim, mantendo-o, até os últimos dias de sua vida.

FOTO: RODOLFO ATAYDE/DIVULGAÇÃO



“ELE ABRIU
ESPAÇO PARA QUE
CHEGÁSSEMOS
ALÉM DOS
LIMITES DA NOSSA
CAJAZEIRAS”

Buda Lira trabalhou com Eliézer Rolim em duas ocasiões: “Ele tinha um amor pelo que fazia e disciplina”

Conterrâneo e amigo de infância de Eliézer, o ator Nanego Lira nasceu na Rua Higino Rolim, a mesma onde morava os Rolim, portanto, eram vizinhos. Juntamente com Lincoln Rolim, Wilma Albuquerque, Leide Gomes, Laydson Feitosa, Salvinho Lira, Paula Lira, Marcélia Cartaxo, Soia Lira, entre outros, fundaram o Grupo de Teatro Terra.

A Rua Higino Rolim, via pequena, que desembocava no Açude Grande, tinha uma escadaria que proporcionava à trupe infantil momentos de contemplação da natureza como a vista do pôr-do-sol. “Pôr-do-sol esse que anos depois foi motivo de inspiração para o espetáculo ‘Os Pirralhos’, que tinha direção de Luiz Carlos Vasconcelos e Eliézer atuava”, lembrou.

Essa rotina cheia de liberdade e o convívio com os meninotes da região se passavam em meados da década de 1970. As ideias extravagantes e fantásticas do menino Eliézer fizeram com que os amigos deixassem de lado as brincadeiras de bola e de boneca para

▶ mergulhar no mundo mágico dos atores e atrizes. “Fomos formados na prática do fazer teatro. Deixamos as brincadeiras comuns às crianças da nossa geração, para brincarmos de fazer teatro, e crescemos, nos tornamos adultos, nesse universo de criação e muita inquietação”, declarou.

Nas brincadeiras de encenar, o roteiro muitas vezes era baseado nos contos infantis que Eliézer contava aos amigos. O palco era o quintal das casas do Rolim, onde a vizinhança e amigos de todas as idades eram convidados a assistir as apresentações dominicais nos fins de tarde. “As pessoas ficavam admiradas, não acreditavam no que viam, crianças com tanta vontade e garra para transformar os contos de fadas em realidade”.

E como todo grupo iniciante, eles mesmos eram os responsáveis pelo figurino, maquiagem, roteiro e direção. “Eliézer ia à frente, com grande sabedoria e amor fraterno para com todos. Foi um tempo de alegria, paixão por cada descoberta. Éramos crianças pensando, falando e fa-

zendo teatro para adultos, sem perder a inocência de criança. Eliézer era exigente, gostava da perfeição”, contou Nanego.

Os temas abordados nos espetáculos foram evoluindo e passaram a falar da seca do Nordeste, dos ciganos, da falta de moradia, da fome no campo. De meninos, eles foram se tornando rapazotes e moçoilas, guardando a inocência típica de artistas sonhadores, defensores da liberdade de expressão, sem se dar conta de que atuavam em plena ditadura militar. “A partir do quintal ganhamos o mundo e passamos a falar de temas que nos afligiam, nos tocavam, nos eram sensíveis”.

Mas infelizmente, a repressão daqueles duros anos não tardou em bater à porta do grupo. “Lembro que fomos detidos por um agente do polícia federal em Campina Grande, que era responsável por emitir a classificação etária dos espetáculo na época.

O nosso espetáculo fora classificado para maiores de 18 anos, e os atores e atrizes eram todos de menor. Se instalou uma si-

tuação surreal. Aí ficamos horas detidos nos camarins do teatro Severino Cabral, em Campina Grande, até que a questão fosse solucionada”.

Segundo Nanego, o espetáculo foi realizado, mas com o “compromisso” de que vários trechos da apresentação fossem suprimidos.

Das vivências infantis e juvenis, das peças encenadas no quintal da família Rolim, parte das crianças que brincava de fazer arte alçou voo mais alto, para muito além das terras quentes do sertão paraibano, fazendo da magia da arte cênica uma profissão, revelando-se grandes atores, atrizes, diretores, roteiristas, abraçando outros ofícios ligados a este universo lúdico.

Tendo porém na dianteira, o jovem Eliézer. “Ele foi o grande responsável por unir aquelas crianças com energia de enfrentar as desigualdades, o mundo machista. E abriu espaço com a sua arte para que chegássemos além dos limites da nossa Cajazeiras”, ressaltou Nanego. ▶



FOTOS: DIVULGAÇÃO/ARQUIVO A UNIÃO

No teatro, Eliézer dirigiu 'Como Nasce Um Cabra da Peste' (acima, com Edilson Alves, ao centro) e escreveu 'Beijo de Estrada' (ao lado, na montagem de Roberto Cartaxo, em 2010)



› A DOR, A TRISTEZA E A ALEGRIA TRADUZIDAS NA ARTE

Talvez por ter convivido tão próximo de Eliézer Rolim, nas experiências da infância em Cajazeiras e mais tarde, já na vida adulta, o ator Nanego Lira possa ter um olhar mais aprofundado sobre o perfil do homem e do profissional. Segundo ele, desde cedo, o amigo se mostrava um “artista potente, uma figura iluminada, sensível, que tinha um olhar atento a sua volta, aos seus parceiros”.

“Um profissional consciente do seu ofício, sensível dramaturgo, diretor, ator. Eliézer, fez de tudo no teatro. Toda uma geração de Cajazeiras apreendeu muito com ele. Contribuiu de maneira decisiva para cultura do alto sertão”.

Nos tempos de infância, Nanego diz que Eliézer era um menino prodígio, se transformando mais tarde em um “diretor com olhar apurado da cena, um dramaturgo que soube traduzir a dor, a tristeza, a alegria

com profundidade do tempo que ele existiu. Era uma pessoa que farejava talentos. Trabalhou com muita gente na Paraíba, revelou outros tantos”.

O ator recordou que de 1976 a 1988, o grupo formado em Cajazeiras participou de alguns espetáculos que marcaram parte da história do teatro paraibano e brasileiro. Entre eles estão o «O Bando de Cigano», «A Seca», «O Barraco», «A Procura da Flor Verde», «Os Pirralhos», «Até Amanhã» e o lendário espetáculo «Beijo de Estrada», primeiro trabalho de Eliézer e do Grupo Terra. Mais tarde, a peça deu origem ao filme homônimo que teve como diretor o próprio Eliézer.

Sobre a importância da trajetória de Eliézer Rolim no teatro de Cajazeiras, Nanego Lira destaca que ele foi um “protagonista”. “Ele tem um papel preponderante dessa história do Grupo Terra. Foi nosso articulador, um exemplo positivo para toda uma geração pós anos 70 na Paraíba”.

Além de também destacar a peça Beijo de Estrada como um dos principais trabalhos da carreira de Eliézer, o ator Buda Lira afirmou que a peça Anjos de Augusto

também vale destaque. “Ainda lembro de imagens impactantes de algumas cenas. Não por acaso, foi bastante aclamado pela crítica e público na época em que foi encenada”.

Buda declarou que trabalhou com Eliézer em duas ocasiões. A primeira quando acompanhou o grupo no circuito que a equipe de Beijo de Estrada realizou no Projeto Mambembão, iniciativa do Governo Federal realizada nos anos de 1970 e a primeira metade de 1980. A ideia era levar espetáculos de diferentes regiões do país ao Sudeste e Sul brasileiros para serem conhecidos pela grande mídia.

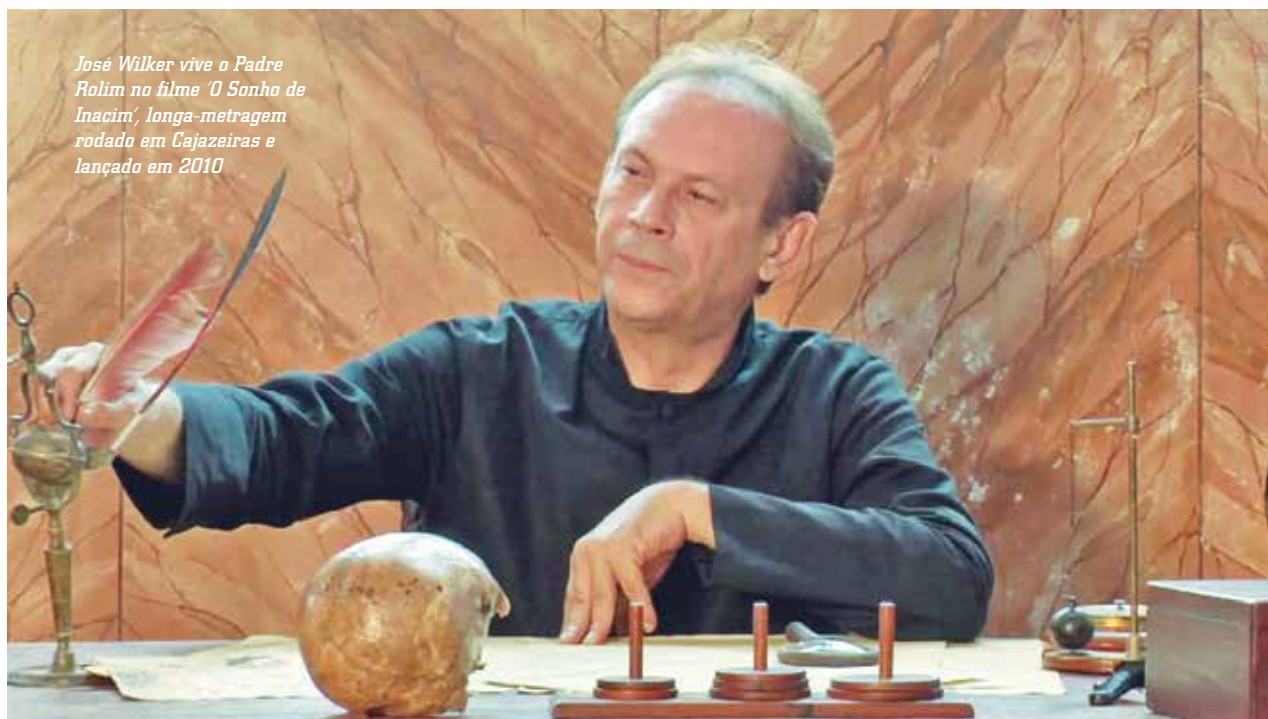
Com o Mambembão, o grupo se apresentou no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. “Depois, fui convidado por ele para atuar no seu primeiro filme, ‘Eu Sou o Servo’. Eliézer tinha uma vontade imensa, um amor pelo que fazia e tinha disciplina para o que ele escolheu como profissão: professor e diretor, principalmente”.

Mas apesar do pouco tempo juntos, Buda reconhece algumas singularidades do artista e professor. “Era uma pessoa afetuosa, de bom trato. Com vontade de fazer o bem e ir fundo na existência”.



FOTO: LÚCIO VILAR/ARQUIVO PESSOAL

Nos tempos de Cajazeiras: o jovem Eliézer (em primeiro plano) ao lado do hoje jornalista Gutemberg Cardoso, do ator Nanego Lira e do professor Lúcio Vilar



José Wilker vive o Padre Rolim no filme 'O Sonho de Inacim', longa-metragem rodado em Cajazeiras e lançado em 2010

FOTO: DIVULGAÇÃO

▶ PROTAGONISTA NA VIRADA DE PÁGINA DA CINEMATOGRAFIA PARAIBANA

Profissional diversificado no trabalho do fazer artístico, Eliézer Leite Rolim Filho “levou para o cinema muito da formação teatral (DNA) e de seu universo enquanto autor e encenador com trabalhos de forte fôlego e inventividade”, como afirmou o professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e produtor do Fest Aruanda, Lúcio Vilar. Para ele, tais características consagrou Eliézer em sucessivas montagens de espetáculos.

“Isso, inclusive o favoreceu no campo da direção de atores, por exemplo. Em seus dois longas-metragens (*O sonho de Inacim* e *Beijo de estrada*) ele descobriu e revelou dois excelentes atores mirins. Sem falar que estamos falando do diretor que revelou Marcélia Cartaxo, e isso, convenhamos, não é pouco. Essa, eu diria que seja uma das marcas deixadas.

Dos três filmes de Eliézer, (um média e dois longas-metragens), Lúcio Vilar destaca “*Beijo de Estrada*” (2018). Para ele, um grande sucesso dos palcos que o paraibano adaptou para o cinema. “Por sintetizar o que chamo de amadurecimento enquanto cineasta, seja do ponto de vista estético, de linguagem e de narrativa cinematográfica”.

Com esse trabalho, Vilar afirma que Eliézer sinalizou que havia alcançado um patamar de excelência que iria levá-lo a novos e ousados voos, conquistando os principais prêmios da edição do Fest Aruanda de 2018 na mostra competitiva ‘Sob o Céu Nordestino’.

Segundo Lúcio, o cineasta cajazeirense se insere na seara dos diretores paraibanos que transitaram no terreno da ficção, um tanto marcado por insucessos monumentais desde 1970 com *Salário da Morte*, e que perdurou até a segunda década deste século. Padeceu, de uma certa forma, da dificuldade crônica de lidar com o código narrativo ficcional no campo do longa-metragem, a exemplo de *O sonho de Inacim* (2009).

Já com *Beijo de Estrada*, conseguiu “virar a chave”, junto com outros diretores como André Moraes, Tavinho Teixeira, Torquato Joel e Edson Lemos. Eles inauguram em 2018 o que o crítico do jornal O Estado de São Paulo chamou de ‘primavera do cinema paraibano’, pela excepcional safra de tantos e qualificados longas ficcionais em um único ano. “Ou seja, ele é um dos protagonistas dessa virada de página na linha do tempo da cinematografia paraibana”.

Sobre o legado de Eliézer Rolim, Lúcio afirma que há uma herança substancial, com maior ênfase no teatro. Já na Sétima Arte, essa contribuição foi interrompida. “Havia muito ainda a realizar, e na arquitetura o processo se deu como professor da UFPB. Eliézer conseguia dialogar em harmonia com essas três áreas, e talvez por isso ainda se tenha muito a conhecer sobre sua trajetória, abreviada por esses tempos pandêmicos. Um curta-metragem sobre ele está vindo aí e deverá lançar novas luzes sobre esse legado”.

▶ UMA CARREIRA BRILHANTE...

A atriz e presidente da Academia Paraibana de Cinema, Zezita Matos, instituição da qual Eliézer Rolim integrava, confidenciou que ainda estava muito abalada com a perda do artista. Sobretudo, com a postura do Governo Federal no combate à pandemia. “Um Governo que não fez o que deveria ter feito para salvar as pessoas”, desabafou.

A atriz, que conheceu o dramaturgo e cineasta na década de 1980, afirmou que eram amigos, mas nunca teve a oportunidade de trabalhar em um espetáculo com ele. Porém, atuou no filme “O Sonho de Inacim”, cujo elenco conta com o ator José Wilker. “Fui a mãe de Wilker no filme”, confessou Zezita.

“Ele deixou um legado muito grande para o teatro e para o cinema. Não podemos esquecer de peças, a exemplo de ‘Como nasce um cabra da peste’, ‘Homens de Lua’, ‘Os Anjos de Augusto’; os filmes ‘Eu sou o servo’, ‘O Sonho de Inacim’, e também ‘Beijo de Estrada’. Ainda era formado em arquitetura. Então, ele teve uma carreira brilhante”.

Na Academia Paraibana de Cinema, Zezita frisou que Eliézer era uma pessoa sempre solícita. “Um companheiro, que ainda tinha muito a produzir. Estou muito triste com essa perda”.

FOTO: ROBERTO GUEDES/A UNIÃO



Zezita Matos, presidente da Academia Paraibana de Cinema, da qual Eliézer fazia parte (acima); ao lado, Rosângela Rolim, professora da UFPB: “Ele fazia intercâmbio de talentos, da arte com a arquitetura, sem preconceito algum”

EU VI O CÉU...

“Todas as peças que ele dirigiu tinha ternura, emoção, sensibilidade, falava de relações humanas, só por isso já tem importância para o teatro”. A afirmação é do ator e diretor de teatro Edilson Alves, que conheceu Eliézer Rolim há mais de 20 anos. Ele e Eliézer pretendiam trabalhar em um novo espetáculo, “Eu vi o Céu”. Escrita por Eliézer, a peça fala da vida e experiências dos romeiros de Padre Cícero, inclusive aqueles mais tecnológicos. A ideia teria surgido há cerca de quatro anos, por iniciativa do cajazeirense, mas depois de algumas tentativas de emplacá-lo em alguns editais, não deu certo.

“Antes da pandemia tentamos inscrevê-lo em um edital da Petrobrás, para captar recursos, mas não fomos selecionados. Ano passado, ele colocou no edital Parrá, da Lei Aldir Blanc, do Estado, mas também não deu certo. Parece que não era para ser. Fico me perguntando, será que quem era para ver o céu era ele? Tudo é tão misterioso”, refletiu.

Esse seria o mais novo espetáculo da Agitada Ganguê, com direção de Rolim. Mas nesse momento, Edilson diz que não

há plano atualmente para este projeto específico. Ele está concentrando esforços para ajudar Minna Rolim, filha do artista paraibano, a lançar o que ele chama de vídeo-biografia: “Meu Pai, Eliézer Rolim”. O intuito é fazer com que “as pessoas saibam mais sobre ele, por ele mesmo”.

Edilson conta que conheceu Eliézer quando começaram a trabalhar no espetáculo “Como nasce um cabra da peste”. A partir daí os laços foram se estreitando e essa experiência contribuiu para a própria vida profissional do ator. “Estamos em cartaz até hoje com a peça, basta convidar que a gente apresenta. Essa experiência me trouxe mais conhecimentos sobre direção teatral, mais significado espiritual e também profissional. Depois do ‘Cabra da peste’, ele ficou sendo nosso diretor ‘mor’. Nos dirigiu nos espetáculos Pinocchio e o Rei do Lixo, ambos voltados para o público infantil e juvenil”.

Segundo o ator, o dramaturgo, mestre e cineasta impulsionou a carreira de vários outros artistas, a exemplo da atriz cajazeirense Marcélia Cartaxo, que atuou no filme Beijo de Estrada e, mais tarde, foi a primeira paraibana a ganhar o Urso de Prata no Festival de Berlim, pelo filme “A Hora da Estrela”, dirigido por Suzana Amaral. “Ali tinha a mão de Eliézer”, destacou. ▶

PERCEPÇÃO AMPLIADA DO ENSINO

Formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), instituição a qual passou a ser professor após ser aprovado em concurso público, Eliézer Rolim tinha na vida de mestre uma de suas grandes satisfações. “Ele sempre ressaltava o quanto gostava de ensinar. Muitos alunos se tornaram amigos da família. Ele também fazia intercâmbio de talentos, da arte com a arquitetura, sem preconceito algum”, declarou Rosângela Rolim.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

▶ O depoimento dela, é corroborado pela chefe do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) da UFPB, Amélia Panet. “Sua grande qualidade como professor era sair da ‘caixinha’ e fazer a conexão da arquitetura com todas as expressões artísticas, seja a pintura, escultura, teatro, cinema, fotografia. Ele colaborava com a habilidade de percepção do mundo, uma percepção ampliada, que levava os alunos à novas visões de mundo, a modos diferentes de encarar a arte e a arquitetura. Era tudo muito especial!”.

A função de mestre era exercida desde 1993 e segundo Amélia, o colega docente era uma pessoa acolhedora, “dessas que nos recebe sempre com um sorriso e está aberta para contribuir da melhor maneira possível”.

Exigente e amoroso, perfeccionista, porém humano, o professor Eliézer conseguia transmitir conhecimentos sobre vários aspectos da vida e também conquistar amizades na universidade. A vida para os alunos estava longe de cair na rotina ou monotonia, pelo contrário, era dinâmica, a disciplina era firme e a turma tinha que ler, assistir a filmes,

escrever e interpretar, ampliando as diversas formas de expressão.

A calma e mansidão eram evidentes, porém, no trato com o próximo. “Conosco e com todos, era um gentleman, sempre educado, um certo ar tímido, mas sempre tinha uma palavra positiva para falar”, reforçou Panet.

A perda do professor, de forma tão repentina, pegou de surpresa todos os que o conheciam. A saudade fica, não apenas do mestre, mas sobretudo do homem, do ser humano, por ser “uma pessoa do bem, sem vaidades, lapidada pela vida, mas sem amarguras”.

ALGUNS RECONHECIMENTOS

■ 1991 - Melhor Direção - Espetáculo Os anjos de Augusto, 12º Festival Nacional de São José do Rio Preto.

■ 1998 - Melhor Direção/Espetáculo/Cenografia/Iluminação - Espetáculo Como Nasce Um Cabra da Peste, Festival de Teatro de Americana.

■ 1998 - Melhor Espetáculo/Direção/Cenografia/Iluminação - Como Nasce Um Cabra da Peste, Festival Nacional de Rezende - RJ.

■ 1998 - Melhor Direção - Espetáculo Como Nasce Um Cabra da Peste, IV Fenarte - Festival Nacional de Arte da Paraíba.

■ 1998 - Melhor Espetáculo - Como Nasce Um Cabra da Peste, 18º Festival Nacional de São José do Rio Preto - SP.

■ 2000 - Melhor Diretor - Espetáculo Sinhá Flor, FIT 2000 - Festival Internacional de Teatro - Sorocaba – SPA

■ 2000 - Melhor Texto - Sinhá Flor, Festival Internacional de Teatro de São José dos Campos.

■ 2001 - Melhor Direção - Espetáculo Quando Despertamos Estávamos Mortos, I Feneteg - Festival Nordeste de Teatro - Guarabira - PB.

■ 2002 - Melhor Iluminação - Espetáculo Quando Despertamos Estávamos Mortos, IX Festival Nordeste de Teatro - Guaramiranga - CE.

■ 2010 - Melhor Filme - longa metragem - O sonho de Inacim - O Aprendiz do Padre Rolim, Academia Paraibana de Cinema.

■ 2007 - Melhor Espetáculo - Homens de Lua - Montagem Grupo Quatro Asas, VII Festival de Teatro Jaime Sanchez - Botucatu - SP.

■ 2012 - Homenagem - Sala de Cinema Eliézer Rolim - Inaugurada em: 02 de maio de 2012 - Prefeitura Municipal de João Pessoa - Casa Brasil.

■ 2018 - Beijo de Estrada - Melhor filme, melhor roteiro, melhor Direção para Eliézer Rolim, melhor Atriz- Darlene Glória, melhor Ator- Jackson Antunes, melhor Ator mirim- Rique Messias, Mostra Sob o Sol Nordeste – XIII Festival Aruanda - João Pessoa.

■ 2018 - Waiting On the Road (Beijo de Estrada), Seleção oficial, Black Nights Festival- em Tallinn - Estônia. a ✖

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Mulherio das Letras

CHEGA AO SERTÃO
CONTRA A INVISIBILIDADE
E O FEMINICÍDIO

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Criado em 2017 e instalado oficialmente em João Pessoa, em evento que reuniu mais de 500 escritoras de todo o país, o Mulherio das Letras logo se espalhou por diversos estados e países. Em meio a busca pela valorização da mulher enquanto escritora, o movimento também incorpora pautas políticas e identitárias e tem mobilizado grande parte das mulheres que fazem literatura no país. Agora, mais

um núcleo do movimento é criado. Trata-se do Mulherio das Letras do Sertão da Paraíba, que tem como coordenadoras as poetisas e escritoras sertanejas Miriam Oliveira, Lua Lacerda, Tainara Andrade e Veruza Guedes (leia o perfil de cada uma na página 14). O **Correio das Artes**, que trouxe em primeira mão a criação do Mulherio das Letras, em 2017, também foi atrás para conhecer como funcionará o Mulherio do Sertão.

Antes de tudo, as coordenadoras, que resolveram responder a entrevista de forma coletiva, explicam que o Mulherio das Letras do Sertão Paraibano é um evento público, de caráter artístico, com vistas a uma ação cultural, voltada para a comunidade cajazeirense e comunidades circunvizinhas. “Uma festa em campo aberto que reúne em sua organização escritoras, poetisas, debatedoras, musicistas, atrizes, artesãs, ativistas culturais e demais leitoras interessadas na experiência da Literatura como vivência”, informam.

Haverá lançamento de uma an- ▶

FOTO: PIXABAY



▶ tologia reunindo a produção, em verso e prosa, das mulheres sertanejas, a primeira do gênero neste século 21. Segundo elas, as atividades incluem palestras, oficinas, apresentações culturais, exposições e lançamento de livros, em evento a ser realizado em Cajazeiras-PB, conhecida como a cidade que ensinou a Paraíba a ler, de 20 a 22 de abril de 2022.

O evento, em si, cumprirá na execução algumas finalidades integrativas, a saber: 1) Contribuir para dar aos participantes do evento mais oportunidade de socialização do que se é produzido no sertão pelas sertanejas; 2) Debater, a propósito do tema Mulher, a Autoria Feminina na Paraíba e 3) Desenvolver diversificada programação cultural que possibilite mostrar a arte em suas variadas formas produzidas por mulheres.

E como o movimento do sertão dialoga com o núcleo central do Mulherio das Letras? Bem, o Mulherio das Letras conta com um número expressivo de mulheres espalhadas pelo país e se expandido internacionalmente. O grupo se descentralizou em subgrupos representativos de cada estado brasileiro, além do Mulherio das Letras Pretas.

“Portanto, trazer o evento para o Sertão paraibano é uma forma de aprofundar ainda mais esse protagonismo, pois é no interior do interior do país que se encontram as mulheres mais invisibilizadas em todos os setores do mercado artístico, pelas poucas oportunidades de formação, falta de infraestrutura nas cidades e a nossa missão com esse evento é justamente mostrar a arte da palavra feminina e feminista em suas múltiplas formas, por mulheres que ainda hoje enfrentam obstáculos machistas e racistas e ainda são consideradas menores nos meios literários”, defendem as coordenadoras.

Sobre pautas em comum dentro do movimento, elas acreditam que onde estiverem, estarão unidas em pautas, seja no centro de São Paulo ou no interior da Paraíba. “As mulheres continuam lutando para ocupar os espaços, levando em consideração, por exemplo, que a maior parte das obras literárias publicadas em grandes editoras são de escritores e os prêmios literários são normalmente atribuídos

Para abril, está previsto o lançamento de uma antologia reunindo a produção das mulheres sertanejas

aos mesmos, raramente as colegas escritoras atingem a mesma visibilidade”, criticam.

As quatro escritoras observam que de 2017 para cá, já houve muitos encontros do Mulherio das Letras em diferentes versões e nem sempre dá para acompanhar todos os detalhes, “mas no Mulherio do Sertão, nos preocupamos com uma questão local que é o alto índice de feminicídio e pensamos em trazer para as nossas discussões essa pauta dentro das nossas realidades. Inclusive, decidimos homenagear nesta primeira edição uma escritora sertaneja que teve a sua vida interrompida drasticamente pelo companheiro, que é a Violeta Formiga”.

Mas por que só agora surgiu a oportunidade de criar o Mulherio das Letras do Sertão? “Vontade não faltou e falamos sobre isso desde 2017, muito já discutimos sobre esse desejo em várias oportunidades, inclusive, das vezes em que Maria Valéria Rezende veio ao Sertão em eventos literários, ela sempre verbalizava esse desejo, que também sempre foi nosso. Agora com os editais da Lei Aldir Blanc nós decidimos submeter um projeto e tivemos a grata resposta positiva”, respondem.

Antes que elas respirem, fazemos outra pergunta: Como é fazer literatura, em pleno sertão da Paraíba? “Não é novidade que o mercado editorial, assim como o meio literário de forma geral, é machista, racista e isso é fácil de comprovar quando vemos quem está sendo publicado e fazendo sucesso nas maiores livrarias do país. E embora tenha se escancarado essa realidade e uma luta mais efetiva tenha se travado para trazer as mulheres ao centro das discussões literárias, ainda não tivemos resultados que

sejam considerados de fato satisfatórios. Muito ainda temos que correr atrás. Isso refletido no interior do país, especialmente no sertão da Paraíba, avançou menos ainda. As dificuldades são imensas e as ações ainda pouco efetivas. Alguns projetos, saraus, eventos acadêmicos ou puxados pelo Centro Cultural do Banco do Nordeste de Sousa, são nossas âncoras em algumas situações. Mas com relação a publicação, continua sendo um grande calo, encontrar mulheres sertanejas que publicam seus textos é difícil”, enfatizam.

Para elas, eventos como o Mulherio das Letras é uma excelente maneira de trazer essa visibilidade, a partir do momento que todos os diálogos, todas as ações estão voltadas para a vivência de mulheres. “Especialmente quando abrimos espaço para a publicação de uma antologia, construída da forma mais simples e inclusiva possível, onde elas podem ecoar as suas escritas”, frisam.

Sobre a antologia que será publicada pela Arribaça, elas detalham que é uma janela aberta para as mulheres sertanejas se expressarem livremente através de seus textos, conduzindo os leitores para conhecer as diferentes experiências literárias entre novatas e veteranas, dialogando de maneira igualitária e gritando seus desejos de nós por nós. Entre os objetivos está o de mostrar que no Sertão da Paraíba tem mulher que escreve e nada fica a dever para nenhuma outra região do país.

No momento, o Mulherio do Sertão está focado em realizar o evento, mas elas acreditam que a partir deste encontro várias alianças serão formadas entre mulheres de diferentes cidades. “Esse intercâmbio certamente será determinante para trazer uma união inédita, nos reconhecermos, fortalecermos enquanto mulheres que escrevem. Virgínia Woolf tinha uma preocupação em conhecer as mulheres que eram ótimas escritoras, mas nunca foram incentivadas. Essa preocupação é de todas nós, por isso o Mulherio das Letras existe, queremos encontrar essas mulheres e trazê-las para junto de nós pra dizer que elas não estão sozinhas e elas podem sim escrever que tem um mundo inteiro para ler”, conclamam. ▶

› QUEM É QUEM NO MULHERIO DAS LETRAS DO SERTÃO

FOTOS: ARQUIVOS PESSOAIS

1 - Mirian Oliveira é artista têxtil, professora de história na rede básica de ensino, pesquisa sobre imagens, saberes e experiências nas comunidades sertanejas e atua como produtora no alto sertão paraibano.



2 - Lua Lacerda é natural de Cajazeiras-PB, mora atualmente em João Pessoa, onde faz graduação em jornalismo pela UFPB. Seu primeiro livro de poesia, 'redemunho', foi publicado em 2020 pela editora da UFPB.



3 - Tainara Andrade é produtora cultural, militante pelos direitos das mulheres e dos LGBTQIAP+. Artista paraibana e sertaneja, trabalha com produções culturais e artes visuais, contemplando em seus trabalhos as assimetrias da realidade, através da representação dos seres e locais marginalizados.

4 - Veruza Guedes é escritora, cineasta e produtora cultural. Tem textos publicados em coletâneas e livro didático. Publicou seu primeiro livro de crônicas 'Os Baobás do Pirulito' em 2019 pela editora Arribaça. Tem em seu currículo a experiência de coordenar eventos como o Cine Açude Grande, FLICA (Festa Literária de Cajazeiras) e a Feira Literária de Cajazeiras.

II. INSCRIÇÃO:

1. Podem participar deste edital todas as mulheres paraibanas sertanejas (residentes ou não) ou que residam na Paraíba há pelo menos dois anos, que apresentem textos dentro do que se pede: poesia, conto ou crônica;
2. As inscrições são gratuitas e vão até o dia 15 de março de 2022;
3. É vetada a participação de escritoras que não sejam sertanejas paraibanas;
4. Será de responsabilidade da candidata o compromisso de que o texto inscrito seja realmente de sua autoria;
5. Antes de anexar o arquivo com a obra, a candidata deverá clicar no termo de aceite, indicando que concorda com os termos do Edital;
6. Caberá à candidata indicar, na inscrição, um e-mail válido;
7. Os textos apresentados não precisam ser inéditos;
8. As escritoras podem se inscrever em mais de uma categoria;
9. Cada escritora tem direito a enviar um texto por categoria escolhida;
10. Os textos devem ser enviados no formato Word (documento), letra Times New Roman - tamanho 12;
11. A obra deverá conter apenas textos, sem ilustrações, gráficos ou quaisquer tipos de imagens;
12. Caso a inscrição não tenha seguido rigorosamente o edital, será invalidada, com a discriminação do que não foi cumprido.

III. JULGAMENTO:

1. As obras inscritas serão analisadas por uma comissão julgadora composta pelas coordenadoras do evento;
2. Os textos selecionados farão parte da Antologia Literária do Mulherio das Letras do Sertão Paraibano;
3. O critério para análise e seleção das obras inscritas é o mérito literário, cabendo ao júri final a decisão, que será soberana.

IV. PREMIAÇÃO:

1. O resultado da seleção será divulgado em 15 de março de 2022 em nossas redes sociais;
2. A vencedora de cada categoria terá sua obra publicada pela editora Arribaça, com uma tiragem inicial mínima de 300 exemplares. Cada vencedora receberá dois exemplares (podendo ser mais, dependendo da quantidade disponível após o resultado);
3. A cerimônia de premiação está prevista para abril de 2022. Para mais detalhes acompanhe as redes sociais do evento. ›

CONFIRA O EDITAL PARA A ANTOLOGIA:

EDITAL ANTOLOGIA MULHERIO DAS LETRAS DO SERTÃO PARAIBANO

I. APRESENTAÇÃO:

Promovida pelo Mulherio das Letras do Sertão Paraibano, com o objetivo de divulgar autoras sertanejas nas categorias Conto, Crônica e Poesia, publicando seus textos sob o selo da Editora Arribaça. A apresentação e lançamento será na noite de abertura do I Mulherio das Letras do Sertão Paraibano, a acontecer em abril de 2022.

"Realizado com recursos da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc. Lei Federal nº 14.017/2021 e suas alterações. Apoio: Secretaria de Estado Cultura/Governo do Estado da Paraíba Edital Prêmio Parrá Paraíba, 15 de fevereiro de 2022."

▶ VALÉRIA REZENDE: COMO TUDO COMEÇOU

Em 2017 surgiu o Mulherio das Letras, um movimento feminista que nasceu em mesinhas de bar, como muitos movimentos literários, a partir de conversas entre escritoras que, indignadas com a invisibilidade da mulher na literatura (não só na literatura, mas também nesta), refletiam, questionavam o porquê de não se encontrar mulheres ganhando prêmios literários, assim como a ausência e a pouca participação destas nas mesas temáticas em eventos de literatura.

Uma das principais coordenadoras do Movimento é a escritora Maria Valéria Rezende, natural de Santos-SP, mas radicada na Paraíba há várias décadas, residindo em João Pessoa próximo à Praça da Paz, no Bancários. Valéria é autora de livros premiados no Brasil e no exterior e é muito querida e ouvida pelas escritoras de todo o país.

Voltando ao Mulherio das Letras. Foi desta inquietação na cabeça de várias mulheres espalhadas por todos os cantos que ganha vida durante a Flip (Feira Literária de Paraty), em 2016, em meio à conversa de algumas escritoras, entre elas Maria Valéria Rezende e Conceição Evaristo, a ideia de se fazer um encontro de mulheres ligadas à literatura, sejam escritoras, leitoras, pesquisadoras, para se conhecerem e conversarem sobre suas inquietações, escritas e experiências.

Conversa vai, conversa vem, foi assim que surgiu também o próprio nome do movimento, afirma a escritora Maria Valéria Rezende. “Alguém disse: Ah, por que não fazemos um mulherio das letras? E o nome ficou”, conta. Segundo Valéria, o movimento foi algo pensado em conjunto, as ideias foram se unindo e ganhando forma. “Outra pessoa disse, tem que ser fora do eixo Rio/São Paulo e outro alguém deu a ideia de se fazer em João Pessoa”, acrescenta.

Maria Valéria Rezende sempre destaca a invisibilidade desproporcional da mulher na literatura nos últimos quatro anos, comparado ao número crescente de escritoras no



Radicada em João Pessoa, Maria Valéria Rezende é uma das idealizadoras do Mulherio das Letras

Brasil. Lamenta, ainda, o fato delas não aparecerem nas mesas e entre os curadores dos eventos literários, pois há uma desigualdade muito grande em questão de gêneros. Foi assim que fez a chamada para o I Encontro Nacional do Mulherio das Letras.

Coube também à escritora a incumbência de criar o grupo fechado do Mulherio no Facebook. A resposta do público foi tão positiva que em pouco tempo surgiu a necessidade de criar um pequeno questionário que analisava a solicitação de entrada no grupo. Em mais alguns meses este chegava a faixa de 5 mil membros, mulheres de todos os lugares do país e também fora. Hoje, o grupo conta com a participação de mais de seis mil mulheres.

Em 12 de outubro de 2017 aconteceu o encontro na capital da Paraíba. O movimento ocupou a cidade e mulheres chegavam de todos os lugares do país para a realização do I Encontro Nacional do Mulherio das Letras.

No evento, alguns acordos foram feitos: a proibição de discursos

preconceituosos ou de ódio, não haveria monopólio, todas teriam o direito à fala e ainda, para haver de fato a democracia, este seria um movimento um tanto anarquista, não haveria mesas, nem qualquer tipo de líder ou algo parecido, é simplesmente um encontro nosso, feito para nós e por nós.

A única mesa foi a de abertura do encontro e contou com a participação das escritoras Lenita Estrela de Sá, Conceição Evaristo e a pesquisadora Algemira de Macedo Mendes e uma homenagem à escritora Maria Firmina dos Reis. Este primeiro momento aconteceu no auditório da Casa José Américo. Nos dias seguintes, o espaço de maior concentração foi o Espaço Cultural José Lins do Rego. Entretanto, o mulherio também acontecia em outros espaços como: armazéns, bares, auditórios.

O encontro chegou ao fim no dia 15 de outubro de 2017 com a apresentação da orquestra regida por uma maestrina e com o segundo encontro marcado para 2018 em Guarujá-SP. ❖

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Publicou 11 livros, sendo quatro de poemas. É repórter do Correio das Artes e mestre em Ciências da Religião.



O que é uma edição crítica?

A língua latina foi praticamente banida dos currículos dos cursos de Letras, resistindo bravamente, por causa da tenacidade de alguns professores, em algumas universidades ou em alguns cursos específicos, como os de Letras Clássicas. Não dá para entender. Como se pode estudar português e as demais línguas ditas neolatinas sem o conhecimento básico da morfossintaxe latina, se até para a língua inglesa ela se faz necessária, diante do sintetismo desse idioma e cujo ensino de verbos enfatiza os aspectos verbais do *infectum* e do *perfectum*?



FOTO: REPRODUÇÃO DOMÍNIO PÚBLICO

Obra de
Euclides da
Cunha, 'Os
sertões' já conta
com algumas
edições críticas

O banimento de outra disciplina, a Filologia, fica mais fácil de entender. Como estudar Filologia sem o conhecimento do latim, se nem as ditas línguas "vivas" modernas, como espanhol, francês, italiano, são estudadas, ao ponto de se incentivar um conhecimento sólido dos textos antigos e de sua edição?

A consequência disso tudo é que passamos de pobres em edições críticas a uma miséria de dar dó, uma verdadeira indignação cultural. A pergunta que escolhemos para título deste ensaio é fundamental, pois há quem confunda edição crítica com uma edição que publica textos críticos. Está longe disso. A edição crítica é a preparação da edição de um texto, a partir de critérios filológicos, destinada não à correção, mas a aproximar o texto em vias de preparação do *animus auctoralis*, daquilo que seria a vontade do autor, quando escreveu e enviou a sua obra para a publicação.

Sabemos que no processo de edição ocorrem muitas "gralhas", como são chamadas as incorreções tipográficas, que, algumas vezes, são corrigidas numa segunda edição pelo próprio autor. Mas nós sabemos que alguns erros acabam por persistir. O fato é que num livro de muitas edições publicadas, há que se fazer um trabalho minucioso, trabalho de formiga, para detectar todas as falhas existentes. Se

▶ possível, o pesquisador deve ir até o manuscrito ou manuscritos existentes, de modo a tentar restaurar o *animus auctoralis* e entregar nas mãos do leitor um texto confiável, principalmente para aquele que, indo além da leitura informativa ou de entretenimento, se dispõe a estudar o texto, analisá-lo e interpretá-lo.

Para que se reconheça uma edição crítica, o estudioso que a preparou e estabeleceu o melhor texto possível naquela oportunidade deve dizer quais foram os critérios de sua *lição* – como se diz no jargão –, sobretudo se existem edições críticas anteriores. Além disso, o texto das variantes entre as edições publicadas ou o(s) manuscrito(s) e as edições, o chamado *aparato crítico*, deve ser publicado ao pé da página ou ao final da edição.

Como dissemos anteriormente, não se trata de querer corrigir o autor, mas de livrar o texto dos cochilos dos copistas, dos tipógrafos e, hoje, da digitação, concedendo segurança a quem vai estudá-lo. É muito comum, alguém querer corrigir um autor, seja o revisor ou o editor, por incompreensão do texto que tem diante das mãos ou por ignorância da língua, achando tratar-se de erro tipográfico. Vemos, por exemplo, que em muitas edições das obras de Virgílio, a *Eneida*, principalmente, faz-se a “correção” do acusativo plural arcaico da terceira declinação, em *-IS*, para o acusativo plural clássico em *-ES*, ignorando a vontade do poeta.

A famosa frase do sacerdote Laocoonte, contra a astúcia dos gregos e, sobretudo, de Ulisses, diante do cavalo de Troia, que originou a expressão “presente de grego”, foi vítima dessa incompreensão. Em latim clássico deveria ser “Timeo Danaos et dona ferentes”, mas Virgílio preferiu “Timeo Danaos et dona ferentis” (*Temo os Gregos e os que trazem presentes*), como mostra a edição crítica da *Les Belles Lettres* (Paris, 2006), com texto estabelecido por Jacques Perret (*Eneida*, Livro II, verso 49), em perfeita harmonia com a edição crítica anterior, cujo texto foi estabelecido por Henri Goelzer (Paris, Les Belles Lettres, 1952).

Chamo a atenção do leitor para um fato que parece de somenos importância, mas não é. Na mais recente lição filológica da obra de Augusto dos Anjos, estabelecida por Alexei Bueno (Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994), já vemos uma falha de início, no poema de abertura, “Monólogo de uma Sombra”.

Quando Antônio Houaiss estabeleceu o texto de Augusto de Anjos, para a 30ª edição, de 1964 (eu disponho da 31ª, onde Houaiss repubblica os seus critérios de edição), com o cuidado de deixar claro que ainda não se tratava de um texto efetivamente crítico, pelo grande desafio que isto representava, ele teve o cuidado de deixar intacto o /c/ do termo “tectos”, ainda que o tenha atualizado para a língua portuguesa, deixando o sabor latino do texto de Augusto, necessário a fazer a rima com “senectus”, substantivo da terceira declinação latina, com “tectus”, substantivo da quarta declinação.

Na edição de Alexei Bueno, “tectus” se transforma em “tetos”, prejudicando a rima com “senectus”, o que não deveria ter acontecido. Do mesmo modo, não deveria ter acontecido, o erro de composição

gráfica, que ocorre na estrofe 26, desse mesmo poema, em que o verso 155 “À condição de **uma** planície alegre” se torna “À condição de **um** planície alegre” (negritos nossos).

O que motivou este ensaio e estas considerações iniciais foi a minha mais recente leitura de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Tenho em mãos o mais novo estabelecimento do texto deste imenso livro, patrimônio incontestado de nossas letras. Trata-se de uma edição, cujo texto foi estabelecido por Andre Bittencourt, que se apresenta como 1ª edição (São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019).

Primeira edição para quem? Qual o critério de esta ser a primeira edição? Não se diz, como também não se explica o porquê da necessidade de novo estabelecimento de texto ou quais os critérios utilizados para o texto estabelecido, além de uma ausência total do aparato crítico, as variantes que poderiam justificar uma nova fixação do texto, pois as lições filológicas não se deixam estagnar. Diante da existência de novos materiais, ela precisa ser refeita. Nada nesta edição da Penguin Classics Companhia das Letras aponta para isto.

Outro fator que determina a necessidade de uma nova lição filológica é a existência de erros em edições anteriores. Não parece ser o caso. A edição crítica e filológica anterior, que esclarece os critérios e apresenta o aparato crítico, foi feita por Walnice Nogueira Galvão (São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/Brasiliense, 1985). O mesmo texto, depois, foi publicado na Série Bom Livro – Especial, da editora Ática (São Paulo, 1988), num grande serviço prestado aos estudiosos, pois a edição crítica, tornando-se mais barata, difundiu-se.

Recentemente, foi republicada a edição de Walnice Nogueira Galvão pela Ubu Editora/Edições SESC São Paulo (São Paulo, 2019), já em segunda edição. Posso as quatro edições – as três de Walnice Nogueira Galvão e a de Andre Bittencourt – e posso assegurar que, com relação aos trechos compulsados, não há desacerto nas edições de Walnice Nogueira Galvão. O ▶

A pergunta que escolhemos para título deste ensaio é fundamental, pois há quem confunda edição crítica com uma edição que publica textos críticos. Está longe disso

Obras com textos de Walnice Nogueira Galvão (as três primeiras) e a que traz o texto estabelecido por Andre Bittencourt (capa verde)



▶ mesmo não acontece com a edição de Andre Bittencourt, eivada de erros, que não deveriam constar numa edição crítica, pois é assim que se entende a expressão “edição com texto estabelecido”.

Alguns dos erros da edição de Andre Bittencourt parecem ser de digitação, havendo outros mais graves, fruto de desatenção, que troca datas, ou que ignoram completamente a vontade do autor. Vamos a eles.

Em “A Terra”, primeira parte de *Os sertões*, no capítulo V (p. 94), vemos o seguinte trecho, na edição de Andre Bittencourt:

“É que a morfologia da terra viola as leis gerais **dos clima**.”

Nas três edições citadas de Walnice Nogueira Galvão se encontra correto – “dos climas” (Brasiliense, p. 130; Ática, p. 56; Ubu/SESC, p. 62. A partir de agora, para efeitos práticos, a edição de André Bittencourt será referida como AB; as de Walnice Nogueira Galvão, WNG, serão referidas do seguinte modo: a Brasiliense será B; a da Ática será A e a da Ubu/SESC será US, nesta sequência).

Em “O Homem”, segunda parte

de *Os sertões*, no capítulo II (p. 153), vemos o seguinte trecho, na edição de AB:

“A verdade, porém, é que se todo o elemento étnico forte ‘tende subordinar ao seu destino o elemento mais fraco **antes** o qual se acha’, encontra na mestiçagem um caso perturbador.”

Nas edições de WNG, o termo se encontra correto – “ante” (B, p. 176; A, p. 102; US, p. 113).

Ainda, em “o Homem”, capítulo III (p. 175), vemos na edição de AB, o seguinte trecho:

“no Peru as crianças ao nascerem **tem** o berço embalado pelas vibrações da terra.”

Nas de WNG, o verbo se encontra na flexão correta – “têm” (B, p. 193; A, p. 119; US, p. 130).

Em “A Luta”, terceira parte de *Os sertões*, na parte IV – QUARTA EXPEDIÇÃO, capítulo II (p. 422), vemos o seguinte trecho na edição de AB:

“Pela estrada, escorregadia e cheia de tremedais, ronçavam penosamente as vinte juntas de bois que o arrastavam, guiadas por inexpertos carreiros, uns e outros

pouco afeitos àquele gênero de transportes, inteiramente novo e em que toda a sorte de empecilhos surgiam a todo o instante e a cada passo, nas flexuras fortes do caminho, na travessia das estivas malfeitas, ou em repentinos desnivelamentos, fazendo **adornar** a máquina pesadíssima.”

Nas de WNG, preferiu-se o termo “adernar” (B, p. 389; A, p. 315; US, p. 348).

Na quinta parte de “A Luta” – NOVA FASE DA LUTA, Capítulo I, lê-se “derreando-se ao **embute** de trezentas baionetas” (AB, p. 569), quando deveria se ler “derreando-se ao **embate** de trezentas baionetas”, de acordo com as edições de WNG (B, p. 507; A, p. 433; US, p. 478).

Voltando a “O Homem”, capítulo IV (p. 206), vemos na edição de AB, o seguinte trecho:

“Assim se apresentou o Conselheiro, em **1816**, na Vila de Itapicuru de cima.”

Nas edições de WNG, a data está correta – “1876” (B, p. 217; A, p. 143; US, p. 157). Ocorre, neste trecho uma ironia. Ainda que o leitor atento verifique que, 12 parágrafos adiante, na página 207, a data esteja correta – “Como quer que fosse, porém, o certo é que em **1876** a repressão legal o atingiu...” (B, p. 219; A, p. 145; US, p. 158) – e

- ▶ ele infira que a data anterior “1816” deve ser corrigida para “1876”, trata-se de um erro que provoca confusão. A ironia está numa nota da edição de AB, sobre um erro de datas do próprio Euclides da Cunha, com relação à morte de Antônio Conselheiro.

Em “A Luta”, na quinta parte – NOVA FASE DA LUTA, Capítulo III, Euclides da Cunha se refere à morte de Antônio Conselheiro e aponta o dia 22 de agosto para o acontecido:

“Falecera a 22 de agosto Antônio Conselheiro” (AB, p. 586; WNG – B, p. 522; A, p. 448; US, p. 494).

A nota 111 de Andre Bittencourt diz, textualmente:

“Tanto nas primeiras edições quanto na edição AP a data está incorreta. Antônio Conselheiro faleceu a 22 de setembro” (Notas, p. 666).

O equívoco de Euclides da Cunha, concernente à data da morte de Antônio Conselheiro, é merecedor, sim, de uma nota explicativa, mas que ela remeta para o próprio texto de *Os sertões*. Vemos que em “A Luta”, na sexta parte – ÚLTIMOS DIAS, Capítulo V, a partir do depoimento de Antônio Beato, o “Beatinho”, a data é corrigida para 22 de setembro (AB, p. 639; WNG – B, p. 564; A, p. 490; US, p. 541). Como não cabe a quem faz uma edição crítica corrigir um erro desses, a nota, que pode vir a ser escrita ou não, vai esclarecer o leitor e remetê-lo à data correta. Eis a ironia: Andre Bittencourt refere-se a um erro de datas, possível de ser corrigido dentro do próprio livro, mas ao estabelecer o seu texto, ele comete um erro de datas que não está no livro...

E como estamos falando de notas, gostaríamos de falar de uma nota na edição de AB, para a palavra *coreia*, reduzindo o termo a uma “dança normalmente acompanhada por cantos” (p. 666). *Coreia* até pode ser isto, porque sua origem etimológica é grega. O termo é oriundo de *choréia* (χορεία), do verbo χορεύω, cuja significação é

cantar acompanhado de uma dança, tendo sua representatividade maior no coro (χορός) do teatro grego, por causa das evoluções que ele fazia em torno do altar, na orquestra, no momento de suas intervenções, no decorrer da peça. Mas não é a isto que o termo se refere, em Euclides da Cunha. O escritor faz uma alusão às letras tremidas dos grafites dos soldados, sobre a campanha, nos muros. É isto que se vê, em “A Luta”, na quinta parte – NOVA FASE DA LUTA, Capítulo I. Em dois tempos diferentes, Euclides da Cunha documenta um momento particular da campanha. Em primeiro lugar, trata-se de uma apresentação do conteúdo dos grafites; em segundo lugar, falando da escrita em si, não do que ela diz (AB; p. 556 e 564; WNG – B, p. 496 e 502; A, p. 422 e 428; US, p. 465-6 e 473). No muro de um barracão, ao lado da capela, em Queimadas, os soldados aproveitaram para escrever de qualquer modo, as suas impressões sobre a sua participação na guerra:

“Todos os batalhões haviam colaborado nas mesmas páginas, escarificando-as a ponta de sabre ou tisanando-as a carvão, no gravarem as impressões do momento. Eram páginas demoníacas aqueles muros sacrossantos: períodos curtos, incisivos, arrepiadores; blasfêmias fulminantes; imprecações, ebrados, e vivas calorosos, rajavam-nas em todo o sentido, profanando-as, mascarando-as, em caracteres negros espetados em pontos de admiração, compridos como lanças” (p. 556).

Os grafites vão se repetindo, em cada parede branca, a partir de Contendas. Neste segundo momento, Euclides da Cunha chama a atenção para a “grafia bronca”, que se desenvolve em “imprecações revolteando pelos cantos numa *coreia* fantástica de letras tumultuárias, em que caíam vio-

lentamente, pontos de admiração rígidos como estacadas de sabre” (negrito nosso, AB, p. 564).

Como se pode ver, o termo *coreia* tem aí o sentido de movimentos sem harmonia, ditados pela natureza do espaço da escrita e pelos instrumentos rudimentares com que se grafavam os escritos, produzindo uma escrita trêmula e desarmônica, como a produzida pela *coreia*, a doença de Huntington, que faz que os espasmos do acometido por ela produzam movimentos involuntários como se fossem uma dança. Lembremos que Augusto dos Anjos utilizou o termo em dois poemas, “A Meretriz”, com o sentido de dança, e em “A Dança da Psiquê”, com o sentido da doença. Não se pode, portanto, restringir o sentido do termo, em Euclides da Cunha, como fez Andre Bittencourt, sem levar em conta o contexto.

Pelos exemplos citados, vemos a necessidade dos cuidados que se devem ter com a edição crítica e de se explicarem os seus critérios. Se alguns erros são de digitação ou de composição gráfica, sem maiores problemas para a compreensão da leitura, a desatenção com a troca de uma data – 1816 por 1876 – já traduz o comprometimento do texto em si, por induzir o leitor ao erro. Já última ocorrência, a discordância entre *adernar* e *adornar* exige, caso tenha sido uma escolha entre a forma corrente (*adernar*) e a forma menos utilizada (*adornar*), uma explicação do critério de que o estabelecido do texto se utilizou na escolha entre uma e outra, vez que na edição de Walnice Nogueira Galvão encontra-se *adernar* e não *adornar*, o que supomos ser a vontade de Euclides da Cunha, na edição corrigida de próprio punho. Já no caso das notas explicativas, elas devem existir para esclarecer dúvidas do texto, não para torná-lo mais obscuro.

Como há ainda fatos a revelar sobre as edições em questão e o espaço é curto, voltaremos ao assunto na próxima oportunidade, na edição de abril do *Correio das Artes*. ✦

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

Nem pássaro e nem gente

Jesuino André de Oliveira

Especial para o *Correio das Artes*

Ele é o tipo de homem que carrega nos vícios, nos pecados e nas ilusões, mas ainda assim, ao seu modo, sagaz e matreiro. O mundo é o que ele criou para si e para os outros. Esse é o iludido Pardal.

Conheci a peça, de passagem, num dos bairros onde morei na cidade. Quando me via na rua, abordava:

– Olá Doutor! Como vai? – ele sabia da inexistência do título; era escolado na artimanha do doce trato com as pessoas alheias. >

Pardal, nome de pássaro pequeno, se achava um verdadeiro pavão. Um artista de outra dimensão

► – Boa tarde! – a resposta era monossilábica. O cabimento seria proporcional à educação.

Nunca desistia dos propósitos e insistia:

– Calor danado! Ainda bem que não vai chover. – nem sequer olhava para o céu, mas as palavras melosas saíam fáceis e enganadoras da sua boca.

Baixinho, de pele morena clara, cabelos curtos, olhos grandes e vivos. Aparentava mais de quarenta anos e sempre usava camisa de botão, aberta nas duas casas de cima, onde deixava ostentar no peito uma corrente dourada com um pequeno crucifixo.

Era inegável sua necessidade de autoafirmação quando despejava lortas juntos aos incautos de plantão. Para os idosos, trabalhadores humildes, moradores de rua e, em especial, para as empregadas domésticas, ele era um importante ex-sargento aposentado. Dependendo do grau de ingenuidade, oscilava entre ser da Polícia ou do Exército. Sabia da vida de todo mundo.

O uso de relógios vistosos e de pulseiras de gosto duvidoso completava-lhe o porte. Para os experientes com o tipo de persona, este era um péssimo ator. Bem da verdade, era um simples vigilante de pequenas barracas de bugigangas nas cercanias da tranquila praça do bairro.

Folgado, adorava tomar liberdade. A senhora Valdevina, por exemplo, empregada doméstica de uma casa, detestava-o. Ela fazia muxoxo quando o dito batia à porta, para pedir água e café, e soltava:

– Amor, o patrão tá aí? Me veja um cafezinho... – criava intimidade como poucos.

A antipatia era imediata: Valdevina não poupava cobras e lagartos.

Pardal, nome de pássaro pequeno, se achava um verdadeiro pavão. Um artista de outra dimensão. No fundo, mais um iludido como tantos outros de diversas classes nesse mundo de

meu Deus. Seu pecado – ou salvação – é não ter posses. Bolso vazio, nunca havia dinheiro, mas estava acostumado desde que nasceu. Vivia se gabando em dizer que a sua mulher lhe dá tudo – desde um pequeno rádio de pilha até o portentoso relógio de pulso. Ele achava que os outros achavam isso o máximo.

Entretanto, o maior dos seus pecados é o desejo da carne. Seus olhos não podiam ver uma mulher para se pavonear como um galanteador inconveniente. Certa vez, sua pose sofreu um duro golpe quando mexeu com o que não deveria.

Toda vez que a mulher do pedreiro Joaquim passava, era sujeita às investidas do pretensioso Don Juan. Naquele final de tarde, a senhora passava quando o Pardal “atacou” sorrateiro. Não sabia ele que logo atrás, o marido, uma vez alertado dos gracejos, flagrou o indivíduo em ato de pecado.

O conquistador de meia pataca percebeu a gafe quando o pedreiro, de cara amarrada, partiu para tomar as devidas satisfações:

– Que negócio esse seu cabra?! Tirando ousadia com a minha mulher?! Vou lhe quebrar!!!

– Não se atreva que o senhor pode ser preso! Sou sargento do Exército!!! – blefou como de costume, representado da melhor maneira, na tentativa única de sair da enrascada.

– E é, seu sargento! Pois eu tô doído pra ser preso!!! – o marido da mulher vociferou irado, desferindo-lhe tapas e pontapés. Ainda assim teve pena, bateu pouco, pois conhecia a famigerada fama do sujeito. Esse correu desembestado até sumir de vista.

Ainda havia um agravante: o Pardal era levado a tomar uns cascudos e tapas da sua mulher. Na verdade, a gordinha catadora de reciclados, calejada pela vida dura, ficava furiosa quando o atrevido apregoava a inexistente relação amorosa.

O sem vergonha parecia que gostava de apanhar. ❖

Jesuino André de Oliveira nasceu no interior da Bahia e mora em João Pessoa (PB) desde os anos 1980. É redator-publicitário, produtor cultural e editor do podcast *MeuSons*. Publica suas crônicas nas redes sociais: Instagram: @jesuinooliveira; Twitter: @jesuinoandre

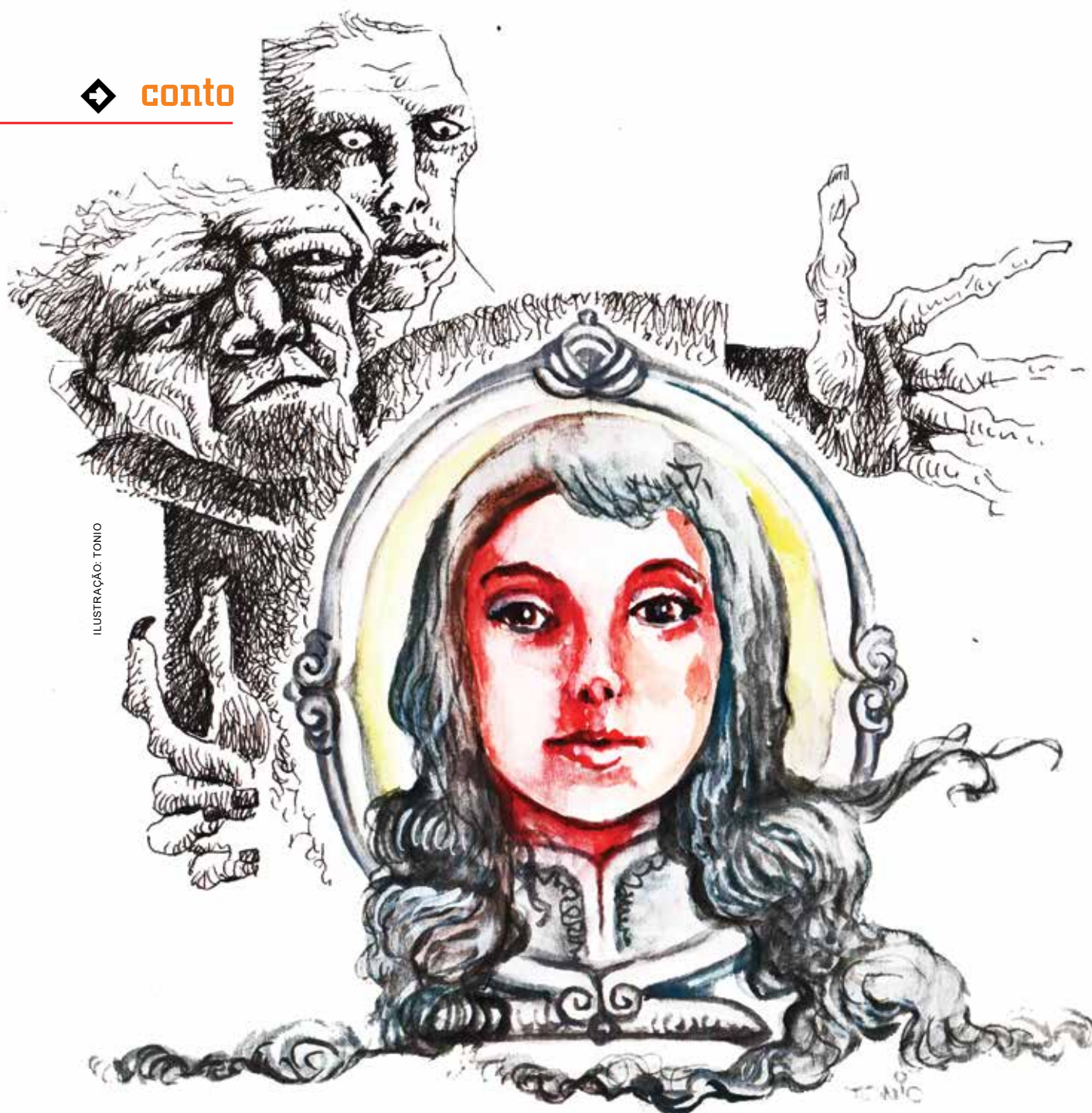


ILUSTRAÇÃO: TONIO

O Porta – Retratos

Cláudio Feldman
Especial para o *Correio das Artes*

1
Quando cheguei ao hospício de Cachoeirinha, o porteiro estava ouvindo o samba “Aos Pés da Santa Cruz”, de Marino Pinto e José Gonçalves.

Mas, quando Orlando Silva cantava o trecho “O coração tem razões/Que a própria razão desconhece”, furtado do pensador Blaise Pascal, o radinho de pilhas pifou.

Irritado, o funcionário me atendeu com cara de lobisomem, quanto lhe perguntei onde ficava a secretaria do estabelecimento.

A custo me indicou o caminho, no grande edifício.

Lá, fui atendido por uma jovem de cabelos em tumulto, olhar vago e fala de lesma (se este molusco pudesse articular palavras...), que, após ler o pedido de autorização, concedeu-me o “sim” para que eu fosse procurar “subsídios para a autenticidade de um filme sobre loucura”. ▶

▶ **2**

Quem mais impressionou o meu universo de roteirista foi um homem, no fim da ala B, que não largava um pequeno porta-retratos oval; e o agarrava com mais posse, todas as vezes que alguém se acercava dele.

Um dos vigias do manicômio me explicou que Nilo Albuquerque temia que roubassem a foto emoldurada de uma linda mulher, sua alma gêmea, talvez esposa ou amante.

Eu logo me interessei pelo indivíduo, possível arcabouço para um personagem da tela.

E, com muito tato, fui me aproximando do interno, alto, magro, barbado, rosto de cera.

Considerado um louco manso, seu quarto não era gradeado como de alguns outros.

Para conseguir sua atenção, tirei do meu bolso chokolatra um bombom, que lhe ofereci, desrespeitando a placa, próxima, que recomendava não oferecer nada aos residentes, antes de consultar os enfermeiros.

O truque deu certo, graças ao vigia afastado: criou uma cumplicidade que agradou a Nilo Albuquerque, além do chocolate licoroso.

Em pouco tempo, para minha surpresa, conversava fluentemente comigo, sem nenhum tique de loucura.

3

– O sr. não é nenhum médico disfarçado, que quer me pegar em flagrante, não?

– Juro que não. Sou apenas um roteirista, à procura de assunto para um filme.

– Ah! Ainda bem...

– Posso ser indiscreto e perguntar-lhe o motivo de sua internação? E por que abraça este porta-retratos com tamanha força?

– Em certos dias, sinto uma neblina por dentro e não sei direito o que faço no mundo. Mas hoje estou bem, como se tivesse passado por uma ducha interna e me purificado, então posso explicar tudo.

Quem sabe se ainda vai acabar me representando no cinema!

– Sou 1,67m. de ouvidos...

4

– Bem, eu era contabilista. Solteirão, morava com a tia Augusta e dividíamos nossas solidões. Em nossa rua havia uma loja de antiguidades, dirigida por um velhote azedo, o sr. Benevides, que não cumprimentava vizinho algum e detestava vira-latas, mendigos e crianças do bairro. Eu evitava até cruzar com o sujeito, que exalava maus fluídos. Um dia, porém, quis presentear Titia por suas 77 primaveras e achei que seria surpreendente levar-lhe algo grisalho como ela. Então entrei, a contragosto, na loja de antiguidades e o sr. Benevides veio me atender. Identifiquei-me como alguém das redondezas (ele disse que não era cego) e procurava um presente delicado para uma velha dama, por um preço bairrista. E ele, sorrindo com esforço, fez um movimento semicircular com a palma da mão para que eu procurasse. Sua mão, aliás, era monstruosa, com dedos secos, longos, cheios de nós, como patas de uma aranha. Fiquei impressionado, contudo iniciei a busca...

– Uma pausa, por gentileza, que quero anotar em minha caderneta a imagem “mão monstruosa etc”, que achei curiosíssima.

5

– Prossiga, por favor.

– Fucei todos os cantos do local, enchi roupas e cabelos de poeira dos séculos e não achei nada compatível com minha tia. Já ia desistir, quando vi, sobre o balcão, um pequeno e prateado porta-retratos oval com a foto sépia de uma mulher belíssima, de rosto muito doce, olhos serenos e uma cabeleira esplendorosa. O tipo de figura dos livros românticos que Titia apreciava (e respingava nas novelas da TV).

– Quanto quer por este objeto? – perguntei ao sr. Benevides.

O velhote respondeu-me rispidamente:

– Não está à venda!!

E guardou-o na gaveta de uma cômoda Luiz XV...

– Original?!- perguntei, surpreso.

– Não. Talvez fabricada em Jaçanã. Mas, continuando: como nada mais poderia agradar minha parenta, despedi-me do antiquário e fui embora. Resolvido, passei na “Imperatriz” e comprei o perfume “Victória Régia” para tia Augusta. E ela adorou. Abrimos um vinho para comemorar o aniversário, mas, apesar da bebida, eu não consegui dormir à noite. Pela madrugada, vi – juro que vi – a encantadora criatura do porta-retratos mover-se ao redor de minha cama, com um sorriso inesquecível, e considerei que estava sob o sortilégio de uma paixão insensata, eu que era contabilista, um sujeito prático, amigo dos números e do celibato.

– E ela surgiu em carne e ossos?! - admirei-me.

– Exatamente. E a irradiação de sua figura teve o dom de despertar em mim sensações que pareciam vir de muito longe, talvez de outras eras, e que eu amara-a sem limites numa encarnação passada.

– Quantos copos de vinho o amigo consumiu?- ironizei, numa hipótese.

– Não foi resultado da excitação pelo vinho. Tudo isto me apareceu claramente. E, a cada momento, essa visão do passado se tornava mais nítida. Uma espécie de torpor, entre delicioso e angustiante, até embriagante, me surgiu do êxtase amoroso, não da bebida. Agora eu é que lhe peço uma pausa para equilibrar a comoção...

6

– Retorno. Mal o sol surgiu, com a mulher em fuga, tomei uma decisão inabalável: aquele porta-retratos tinha que ser meu. Eu havia de comprá-lo a qualquer preço. Logo que a loja abriu, eu disse ao sr. Bene-

▶ vides, sem preâmbulos:

– Quanto quer por aquele porta-retratos que guardou ontem na cômoda Luiz XV?

– Aquele retrato não está à venda !! vociferou o velhote.

– Pago o que quiser por ele!!

– Já disse, seu impertinente, que não vou vendê-lo ! É a foto de minha avó, que fugiu do marido para viver com um maldito outro. Ao menos possuo seu retrato, emoldurado em prata, que enfeitava sua penteadeira.

– Diante do sólido argumento, uma brecha sentimental no sorriso de pedra, nada mais me restou a fazer, além de sair. A porta que se fechou atrás de mim foi um golpe brutal. Enfim, envolvido por meus deveres de contabilidade, tive a esperança de esquecer da mulher (sem nome) que aparecera em meu quarto. Porém – que des(a)tino! – sua presença se incrustara em meu cérebro como um monólito. Em outra noite, eu a vi novamente estender-me os braços, chamar-me pelo nome e pedir-me que a libertasse da gaveta da cômoda Luiz XV. Consegui, inclusive, abraçá-la por instantes, até que desfizesse no ar.

– Já perguntei uma vez e volto a indagar: era de carne e ossos ou uma miragem?

– Tão corpórea como se eu apertasse sua mão, agora, num cumprimento.

– Certo. Continue.

Porém não foi possível uma continuação, imediatamente, pois uma enfermeira, de branco, aproximou-se de nós e disse:

– Nilo, é hora da injeção.

7

Ainda segurando o algodão no furinho da picada, meu interlocutor retornou a narrativa.

– Prometi-me que o antiquário não seria um obstáculo. Uma tarde, quando o sr. Benevides saiu, consegui abrir a fechadura com um grampo de cabelo de minha tia e penetrei na loja de velharias. Como eu não podia acender a luz, para não chamar atenção, e a loja era labiríntica, custei a chegar até a gaveta. Minha demora foi fatal: ia subtrair o porta-retratos, quando o proprietário voltou, de repente. E – acostumado ao ambiente sombrio

– enxergou-me. Furioso, alcançou uma bengala e quis me espancar. Só que eu, mais ágil e novo, tomei-a e dei uma pancada sem pretensão no velhote. O azar é que acertei a sua frente e ele tombou, num grito. Eu - num ato que lamentarei o resto de minha vida – , ao invés de acudí-lo, consegui, afinal, localizar o objeto desejado e, com alegria, quase volúpia, apertá-lo contra o peito, esquecido de que atingira, talvez mortalmente, seu legítimo dono. Sua mão esquerda, descarnada, imensa, com os dedos torcidos como as patas de uma aranha, quis erguer-se do chão para alcançar meu pescoço. Todavia não consegui, pois, assim como o restante do corpo, dali a pouco silenciou. Corri para a saída, com o porta-retratos, o morto caído sobre um tapete persa das 1001 noites...

– Sr.- disse o vigia se aproximando - , faltam 20 minutos para acabar seu horário de visita. Por favor, respeite o regulamento ou vou levar uma advertência da ouvidoria.

– Neste tempo, consigo acabar o relato – garantiu o interno.

8

– Não me lembro onde passei aquela noite, mas, ao amanhecer, procurei tia Augusta mentindo-lhe que estava sendo perseguido por um sonegador, algo mafioso, que cismara que eu revelaria ao Imposto de Renda detalhes econômicos encobertos que eu contabilizara. E ela, mesmo preocupada, entendeu a necessidade de minha ausência. Organizou uma mala com roupas essenciais, deu-me todo o dinheiro que tinha em mãos e chorou muito. Beijei seus cabelos brancos e prometi que voltaria logo que as coisas se resolvessem. E fui me refugiar na casa de uma irmã bastarda, que muito me apreciava, na cidade de Morro da Fumaça. Também usei o mesmo argumento para justificar meu asilo. E ela acreditou. À noite, no quarto de hóspedes, um pensamento me atormentava: se a polícia chegasse até mim pelas impressões digitais espalhadas na

loja de antiguidades, minha maior dor não seria a prisão, mas o fato de que me tomariam o porta-retratos como prova. O estranho é que eu, uma pessoa sempre pacífica e correta, não sentia remorso algum de ter livrado o mundo de uma figura asquerosa como o antiquário; entretanto, pelo meu crime, eu havia me tornado pior do que ele. Na cama, tive a sensação (eu sonhei) que uma mão enorme, seca, ossuda, arrastava-se, sem o resto do corpo, em direção ao criado-mudo, onde eu guardara o objeto de prata. Fui então até o móvel, agarrei o porta-retratos, agreguei-o ao peito como se fosse meu coração e consegui dormir. Assim, todas as noites; durante o dia, tudo era calma em Morro da Fumaça. Certa ocasião, devido à minha face reproduzida nos jornais, a polícia me localizou. Minha irmã bastarda mal teve tempo de se despedir. Abraçado ao porta-retratos, entrei no camburão. Após meu depoimento ao delegado e todo processo criminal, concluíram que eu era um caso de hospício, não de presídio. Eu não reclamei, desde que me deixassem com minha paixão, vestida de prata. E assim foi. Só que, mesmo aqui, entre muros com cacos de vidro, sinto que a mão não desistiu de arrebatá-lo meu tesouro...

– Incrível!! – exclamei - .Sua narrativa vai valorizar muito meu roteiro!

– Quem sabe se, exposta pela luz do cinema, a mão não levante mais de seu túmulo para me perturbar!

– Oxalá!

9

Dias antes da estreia do filme, fui pedir ao diretor do hospício a permissão de levar Nilo Albuquerque ao cinema.

Dr. Czapick, emocionado, esfriou meu entusiasmo:

– O residente nº 39 amanheceu caído junto ao leito, com uma agonia dolorosa no rosto. O mísero foi estrangulado por dedos muito raivosos. O porta-retratos sumiu... ▶

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura e autor de 57 livros; o mais recente é "Aron Feldman: Cinema Nas Veias" (Fundo de Cultura de Santo André, 2021).

Carlos Cardoso

ILUSTRAÇÃO: TONIO

Brincando

Talvez as palavras me fujam
E eu me disfarce de poeta,
O silêncio é minha casa
E a construo em linha reta.

Talvez as palavras me fujam
e eu me disfarce, cortejante,
o silêncio é uma pedra
e a chamo diamante.

Talvez as palavras me fujam
e eu me disfarce de criança,
o silêncio é meu pecado,
e meu verso, a esperança

Talvez as palavras me fujam
e eu me disfarce, assim, amando,
o silêncio é minha arte
e o criei assim, brincando

Pavilhão imaginário

A inviolável arte
da tragédia é humana,
múltiplas metáforas
do poeta atrevido,

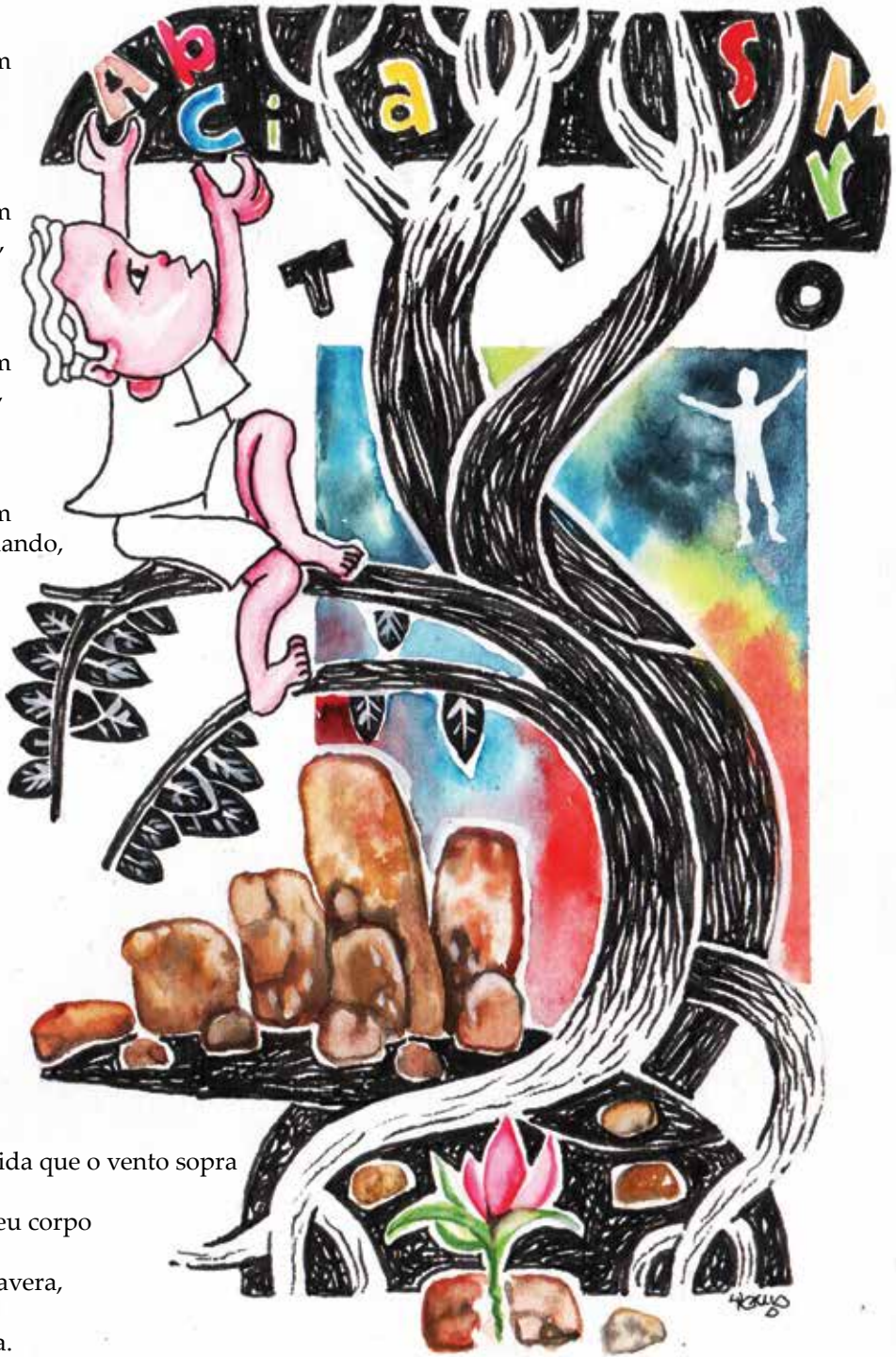
desordem de palavras
nesse universo de cores,
imagens taciturnas
rajadas dos olhos,

pavilhão imaginário
a fatiar a carne em espírito

É que o vento cresce à medida que o vento sopra

Há uma dor mineral em meu corpo
dizem das flores
que elas florescem na primavera,
e que o vento cresce
à medida que o vento sopra.

A um verbo ilustre em meus versos,
eu amo os poetas e a poesia porque são belos,
e as coisas, porque são brutais.



Carlos Cardoso é engenheiro, natural do Rio de Janeiro, autor de 'Melancolia' (Record), vencedor do Prêmio APCA de Melhor Livro de Poesia de 2019, e Sol Descalço (Record).

Uma narrativa felliniana:

ESPELHO DISRUPTIVO DE NOSSA RUÍNA

Ronaldo Cagiano
Especial para o *Correio das Artes*

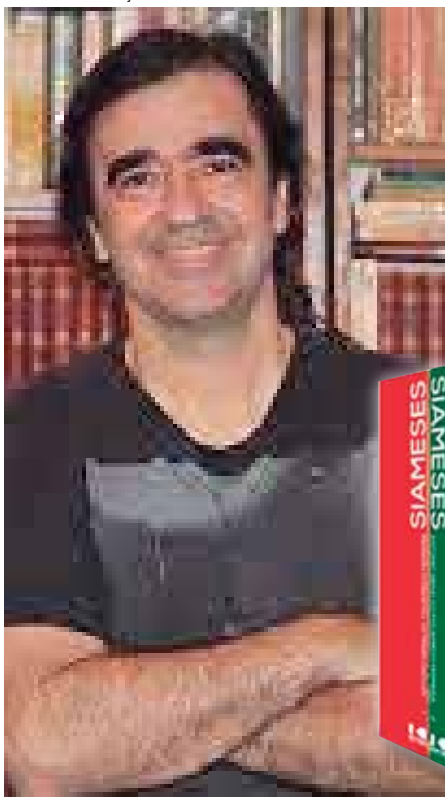
*A realidade é essa coisa sórdida e bruta.
E seu presente é todo feito de passados.*

Samuel Rawet
“Velha história de maçãs”

Quando publicou *As visitas que hoje estamos* (Ed. Iluminuras, SP, 2014), seu romance de estreia, Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira chamou a atenção da crítica para a radicalidade de uma escritura esteticamente inovadora, trazendo hábito novo a uma literatura brasileira contaminada por vozes requeentadas, fatigada pelo mais do

mesmo. Obra de profunda imersão na condição humana ao esmiuçar seus dilemas e contradições, trouxe um sopro de subversão e renovação formal ao extrapolar as fronteiras entre gêneros e realizar um recorte dos subterfúgios, mazelas, existências apequenadas e diatribes de uma cidade do interior.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira e a capa de seu *'Siameses'*: aqui, autor retoma trilha visceral de experimentalismo da linguagem

Após conquistar um espaço diferenciado no cenário das nossas letras, o autor retoma aquela trilha visceral de experimentalismo da linguagem com a publicação de *Siameses* (Kotter Editorial, Curitiba, 1336 pgs.), obra caudalosa e de fôlego, dividida em dois volumes, fruto de uma dedicação de ourives nesse projeto que foi contemplado com o apoio do prêmio “Rumos”, do Itaú Cultural.

Tanto na poesia (*Peixe e míngua*, Nankim Editorial, 2003; e *Eu, morto*, Ed. Iluminuras, 2020), quanto no infanto-juvenil (*O amor pega feito um bocejo*, Cia. das Letras, 2014), o território criativo de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira emula um trânsito multidimensional, numa escrita nada ortodoxa, atravessada por expansões oníricas e fluxo de consciência, meticulosamente burilada, em que estão sempre presentes os paradoxos, as inquietações metafísicas do ser e o caótico sentido social e político que caracteriza a própria trajetória individual e coletiva.

Em *Siameses*, o autor intensifica sua aguda percepção dos cenários, temas e atmosferas, por meio de uma dicção ao mesmo tempo feérica e metafórica, povoada de *flashbacks* e insights críticos, que repassa o país nas últimas décadas, espelhando as metamorfoses e o escalonamento de valores de uma sociedade e das instituições perdidas em seus próprios descaminhos ou labirintos.

Ao conduzir o leitor por um cipoal de desassossegos, o narrador deslinda um universo caleidoscópico que conforma a vida de dois personagens – Osmar e Procópio – que vão desatando, por meio de uma conversa alargada, os entretempos de suas vidas no confronto e na observação de outras tantas.

► O que sobressai dessa obra, além do requinte artístico, é a possibilidade de nos reencontrarmos com a nossa própria realidade em meio ao caos contemporâneo, algo de que carece a atual produção literária nacional, muito seduzida pelos fetiches do deus mercado, cooptada pelas pautas e temas reclamadas pelo politicamente correto e que, na maioria das vezes, endossam autores de contexto em prejuízo de autores de (verdadeiro e pujante) texto.

No cerne de *Siameses* encontramos o vórtice de uma história entremeada de embaraços e sutilezas, em que a destreza do autor vai costurando com inegável profundidade de escafandrista sua híbrida ambientação. Nesse particular a dimensão epopeica do romance se instaura, a partir de uma concepção virtuosíssima, ao colocar o leitor no centro de um conflito – a traição, um triângulo amoroso entre Tomás, sua esposa Rebeca e Azelina, uma sedutora vendedora – num extrato simbólico do próprio e desajustado tempo em que vivemos. No desenrolar das conversas entre um reverberante Osmar e um contido Procópio, espelha-se também uma contraposição entre campos distintos e constrói-se, em clave nelsonrodriguena, uma crônica do mundo que se esconde atrás das aparências ou uma película felliniana de uma não tão *dolce vita*.

No pequeno burgo em que

**O que sobressai
dessa obra (...)
é a possibilidade
de nos
reencontrarmos
com a nossa
própria realidade
em meio ao caos
contemporâneo**

transcorre a história, o autor vai expondo o esgarçamento de todo um sistema moral vigente, ao destrichar as camuflagens, torpezas e devastações sofridas pelas vidas em causa, caudatárias de uma realidade habitada por perversidades, obsessões e tragédias, que só poderiam culminar num desfecho avassalador. No escoadouro dessas tensões, que tem nos seus protagonistas, o leito por onde fluem os problemas de variada ordem, avulta o reflexo do esgotamento das virtudes e do encarceramento do ser pelos seus próprios desvios morais.

A partir do próprio título o autor concede a chave para que o leitor ingresse na escura e pantanosa realidade que esse romance propõe deslindar, pois sinaliza o liame inseparável de uma raia de cumplicidades que não se desatam, retroalimentada pelas próprias ambiguidades e dicotomias. O que, em suma, é a imagem de um país e do próprio mundo, agora insularizados por uma pandemia, o que acabou por expor nossas fragilidades e impotências, com instâncias e pessoas subjugadas a terríveis instintos, na voragem de uma distopia incapaz de reverter a tendência de uma civilização e da modernidade arrasadas por um vírus.

Irônico, cáustico, iconoclasta e provocador, *Siameses* impõe-se pela coerência com que mapeia nossas rupturas e ruínas e resgata uma realidade tão atormentada, transcendendo a composição romanesca para inserir-se na esfera de uma abordagem candente, reflexiva e ontológica desses tristes tempos, mas carregada de inegável poesia.

Ao escrutinar a dimensão humana, no que ela carrega de essencial ou de insondável, *Siameses* pauta por uma narrativa não linear, especulativa da instabilidade que conforma essas vidas. Em sua gênese formal, o romance estrutura-se num rico mosaico de linguagens, oferecendo muitas camadas de leituras: embrenha-se por caminhos e atalhos, movimentos, marchas

e contramarchas, pistas e contrapontos, inflexão crítica, política e filosófica – recursos estilísticos que o tornam multifacetado. É a um só tempo um prisma de variadas faces: narrativa da vida como ela é; poesia retirada da banalidade e dos flagrantes do cotidiano; pintura sem retoques de nossas vicissitudes; instalação, que reúne o espólio ou os cacos de histórias (re)partidas; teatro, em cujo palco, a realidade a ficção – siamesas – se confundem, ao representar o que há de cômico, dramático, épico e satírico nas experiências vivenciais objeto da investigação autoral.

Vale lembrar, para situar a filiação do escopo de toda a obra de Antonio Geraldo, a preponderância de uma concepção criativa que faz um mergulho no centro de nossas questões fundamentais, o que guarda estreita sintonia com o que afirmou Gabriel García-Márquez: “Todo bom romance é uma transposição poética da realidade. Sim, acho que um romance é uma representação cifrada da realidade, uma espécie de adivinhação do mundo. A realidade que se maneja num romance é diferente da realidade da vida, embora se apoie nela. Como acontece com os sonhos.”

Eis a sensação de prazer epifânico que nos desperta a leitura dessa obra polifônica, tão densamente arquitetada e enriquecida pela intertextualidade, que culmina num verdadeiro *tour de force*, na esteira de uma complexa e habilidosa engenharia semântica, privilegiada pelo recurso de poderosas imagens e o manejo seguro e versátil das diversas vertentes literárias que coexistem em monumental simbiose, levando-nos a percorrer o espectro dissonante por onde transitam vidas esgarçadas e a própria arte em tempos de instabilidade. Com *Siameses*, Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira promove um ponto de viragem no cenário da atual literatura brasileira e atinge o pleno domínio da concepção artística, ao valorizar e explorar todas as possibilidades de expressão da nossa língua, esculpindo um poderoso universo ficcional. ✦

Ronaldo Cagiano é mineiro de Cataguases (MG), autor, dentre outros, de “Eles não moram mais aqui” (Prêmio Jabuti 2016 – Ed. Patuá, SP, 2015; ED. Gato Bravo, Lisboa, 2018) e “Cartografia do abismo” (Poesia, Ed. Laranja Original, SP, 2020). Mora atualmente em Lisboa (Portugal).



Repercussões do Modernismo

e a década de 20 na Paraíba

Na Paraíba, como de resto no Nordeste e no país, os anos 20 apresentam diversas transformações na área política, econômica e social, com evidentes repercussões no ambiente cultural e literário.

Politicamente, a década de 20 reflete a crise das oligarquias rurais que, a despeito de suas dissensões internas na luta pelo poder, sempre terminavam, evidentemente, dando a última palavra na arena das decisões políticas.

Durante o período da chamada República Velha, a Paraíba é dominada sucessivamente por três oligarquias, a saber: a venancista (1889/1891), a alvarista (1892/1912) e, após a transição do governo Castro Pinto (1912/1915) que, segundo o historiador José Octávio de Arruda Melo, em *História da Paraíba: Lutas e Resistências* (Conselho Estadual de Cultura/SEC; A União, 1994, p.140), tentou inutilmente conciliar os interesses contraditórios de “oligarquias descendente e ascendente”, a epitacista, que tem vigência até 1930.

Apesar do domínio alvarista por cerca de 20 anos, o apogeu do poder oligárquico, na Paraíba, se cristaliza a

partir do epitacismo. A política intervencionista de Epitácio Pessoa, concretizada sobretudo através das obras contra as secas, será decisiva para o fortalecimento do poder oligárquico em termos locais. A este propósito, salienta Eliete de Queiroz Gurjão, em *Morte e Vida das Oligarquias: Paraíba (1889-1945)* (João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1994, p. 87):

Facilitando as comunicações com a implantação dos transportes rodoviários, organizando, assim, o espaço paraibano para o capital, o estado, ao mesmo tempo, empreendia o enriquecimento dos ‘coronéis’ e realimentava o poder das oligarquias.

No entanto, as mudanças na conjuntura nacional e internacional, conectadas com o acirramento das diferenças inter-oligárquicas, no contexto paraibano, fazem com que, a partir da segunda metade da década de 20, já se observem os primeiros sintomas da crise do epitacismo, matizada, em especial, pela ascensão de uma ordem burguesa em detrimento do coronelismo tradicional. ▶

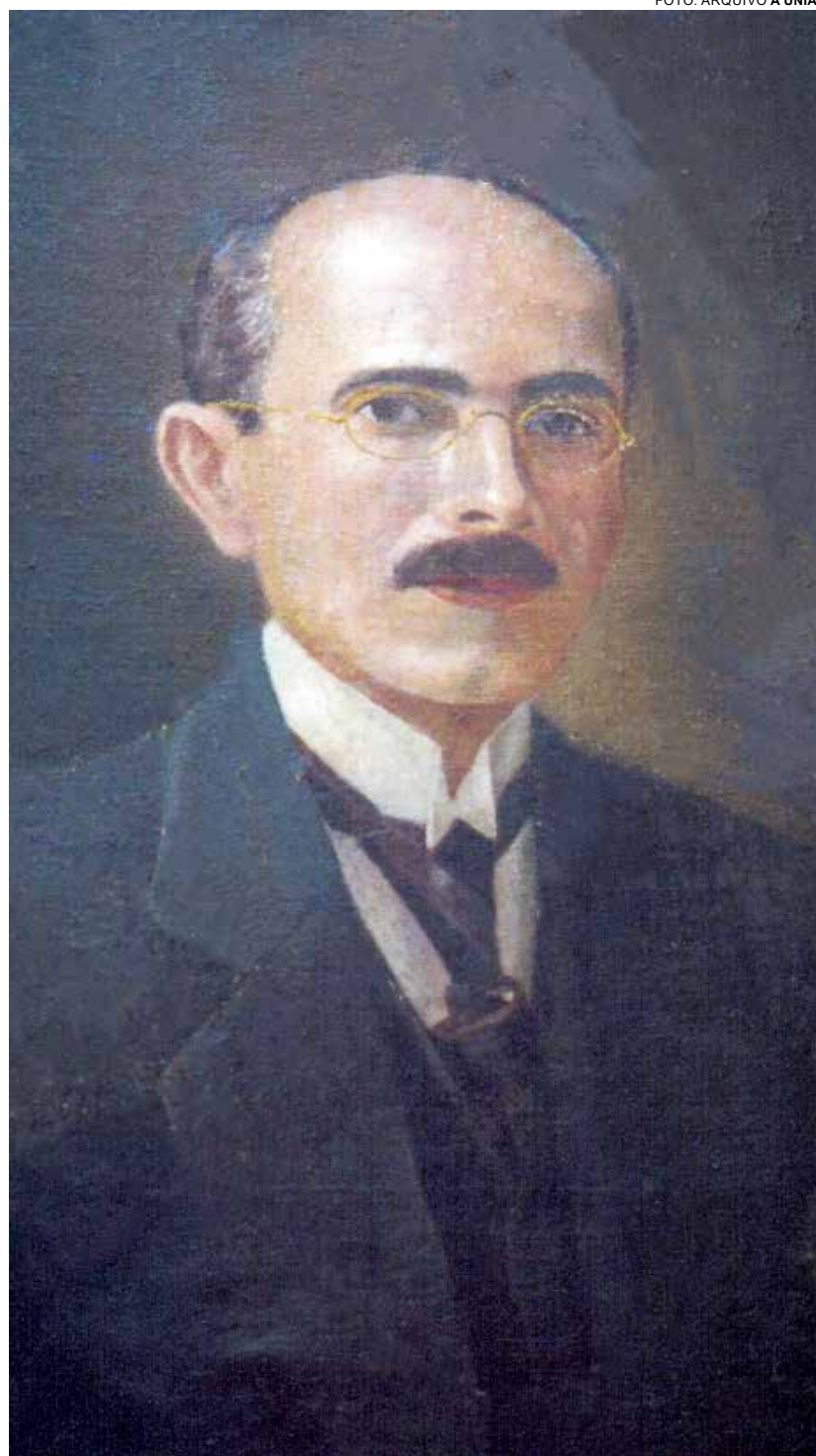
Do ponto de vista econômico, a expansão da cultura algodoeira e o surgimento das primeiras usinas, associados ao fenômeno do declínio do coronelismo face a emergência dos primeiros segmentos urbanos e, principalmente, à ativação das já referidas obras contra as secas, confluem, logicamente, para criar uma relativa atmosfera de mudança e de progresso no estado.

No aspecto social, o processo de urbanização da capital, iniciado no começo do século, em especial no governo de João Machado (1908-1912), assume impulsos renovadores. Os meios de transportes, rodoviário e ferroviário, por sua vez, facilitam o intercâmbio entre o litoral e o interior, permitindo, assim, o desenvolvimento das cidades. Campina Grande destaca-se como centro polarizador, sobretudo pelo desenvolvimento do seu comércio, da mesma maneira que experimentam, também, algum progresso outros núcleos municipais, a exemplo de Cajazeiras, Princesa Isabel, Itabaiana e Solânea, à época com o nome de Moreno.

Estes avanços se refletem, de certa maneira positivamente, no meio cultural, na medida em que são criadas alternativas mais eficazes para a sua dinâmica, mesmo que ainda atreladas ao sistema de poder tradicional. Alguns nomes começam a se firmar no campo das letras, do jornalismo, das artes e da poesia. Torna-se mais sistemática a política editorial e mais concretos os incentivos aos órgãos de imprensa e de cultura.

É, em certo sentido, uma época de transição, a convocar a Paraíba para os primeiros impactos da modernidade. Diga-se de passagem, contudo, que se trata de uma modernidade contraditória. Neste sentido, vale transcrever as palavras de Diana Soares de Galiza, extraídas de *Modernização Sem Desenvolvimento na Paraíba: 1870-1930* (João Pessoa: Ideia, 1993, p.199):

Durante a Primeira Repú-



O governo Solon de Lucena criou condições para uma efetiva e, razoavelmente, livre participação da intelectualidade paraibana

blica, a Paraíba conheceu uma modernidade sem desenvolvimento. Ocorreram mudanças mais de caráter quantitativo do que qualitativo; não estruturais, embora as estruturas fossem abaladas. Não foram registradas mudanças substanciais nas relações sociais de produção, nem os segmentos mais pobres da sociedade foram beneficiados amplamente. A Paraíba, pois, modernizou-se parcialmente.

É, como assinada, em outra circunstância, Roberto Schwarz (“A carroça e o bonde”, in. *Que Horas São?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.15):

O progresso é inegável, mas a sua limitação, que faz englobá-lo ironicamente com o atraso em relação ao qual ele é progresso, também.

Assim, podemos inferir que a capital paraibana dos anos 20 mescla, entre assustada e temerosa, algo de provinciano, de atrasado com a atração pelas novidades que por aqui aportavam. A bem dizer, o conflito entre passado e presente, entre tradição e novidade, terminava se relativizando, pois, de alguma maneira, seus componentes se acomodavam.

Estas observações são importantes para que não se crie uma imagem falsa do tipo de desenvolvimento que tivemos na década de vinte.

A bem da verdade, a alteração da ordem política, certos melhoramentos econômicos e as novidades sociais experimentadas, nesta época, se restringem aos interesses das classes dominantes, às quais pertencia a maior parte dos intelectuais, escritores e poetas, em sua grande maioria comprometidos com os paradigmas mentais do passado.

Não obstante, a cultura em geral vive um momento de dinamismo. A imprensa, o teatro, a história, as artes plásticas, a política editorial, as polêmicas doutrinárias, os gêneros literários, as primeiras repercussões do Modernismo, enfim, estes e outros fatores se associam para imprimir uma configuração singular àquele momento na Paraíba.

Esta singularidade se impõe, quando se considera o marasmo do período anterior. A este respeito, vejamos o que pensa João Lélis, o primeiro historiador da literatura local, em *Maiores e Menores* (João Pessoa: Editora Teone, 1953, p.68):

A política, no seu papel de força ativa do ambiente, e ao contrário do que seria louvável, sempre influenciou maldosamente

na vida dos nossos aedos e cronistas; essa influência raramente se fez benéfica; antes acidulava a existência deles por negar-lhes oportunidades e meio de expansão; quase sempre acarrava-os para que o próprio tempo, desnalgando-os, fizesse estiolar a semente que conduziam. Ou então, quando a pujança individual se manifestava resistente, atraí-os, o que era pior porque realizava-se, assim, uma deturpação.

Assegurando que poucos escapavam ao alcance do poder, conclui o referido autor:

A Paraíba viveu, anos depois, como repetição de exemplos anteriores, e por duas décadas, sob o consulado epítacista que influíra, de modo avassalador, nas menores manifestações da inteligência provinciana.

Os primeiros sintomas de mudança e de renovação dessa política, nefasta aos novos valores, começam a aparecer, em parte, sob o estímulo da administração Solon de Lucena (1920-1924), entendida por José Octavio como de “ascensão burguesa na Paraíba”, isto é, “pelo seu culto à lei”, “caráter urbano” e “impulso às obras contra as secas”, interpretado pelo historiador, sob os auspícios de Otacílio Queiroz, como “solventes do velho patriarcalismo”.

Solon de Lucena é, em certo sentido, uma espécie de mecenas, pois, à parte as atividades literárias desenvolvidas em torno de *A União*, ainda dirigido pelo conservador Carlos Dias Fernandes, cria a revista *Era Nova*, editada pelo seu próprio filho e oficial de gabinete, Severino de Lucena, ao lado de Sinésio Guimarães Sobrinho.

Já na *Era Nova*, de 10 de fevereiro de 1924, numa seção intitulada *Notas Sportivas*, a capital paraibana aparece, de modo ufanístico, é verdade, mas, em certo sentido, refletindo o espírito de mudança da época, como a “metrópole mais intelectual do Norte do Brasil”, sobretudo pela atuação de personali-

dades, como: Álvaro de Carvalho, Carlos Dias Fernandes, Rodrigues de Carvalho, José Américo de Almeida, Cônego Pedro Anísio, Coriolano de Medeiros, Matheus de Oliveira, Américo Falcão, Paulo de Magalhães, Eudes Barros, João da Mata, Ademar Vidal, Celso Mariz, Samuel Duarte, Osias Gomes, Perylo Doliveira, Mardoqueo Nacre e Osório Paes.

A eles, assim se refere a nota:

(...) toda essa plêiade fulgurante que ufanaria a literatura dos nossos estados mais cultos, brilha na linda e pequenina capital do nosso estado, que é agora a metrópole mais intelectual do Norte do Brasil, como foi, no Romantismo, S. Luiz do Maranhão sob os clarões geniais de Gonçalves Dias e Odorico Mendes.

Ora, tais palavras não escondem o exagero da mentalidade provinciana, uma vez que a metrópole intelectual da década de vinte, no Nordeste, é, sem dúvida, a capital pernambucana, principalmente pela influência da Escola do Recife, onde a grande maioria dos escritores e poetas paraibanos consolidavam sua formação.

Escrevendo sobre o Rio Grande do Norte, em igual período, observa Humberto Hermenegildo de Araújo, em *Modernismo: Anos 20 no Rio Grande do Norte* (Natal: UFRN, Ed. Universitária, 1995, p.23):

(...) nem mesmo o trabalho desenvolvido por Henrique Castriano conseguiu atingir um nível de repercussão maior entre a intelectualidade da cidade que, nem de longe, chegaria a um padrão de efervescência cultural como o reinante, por exemplo, em Recife, do qual Natal era periferia.

Da Mesma forma que Natal, eram periferias de Recife outras capitais do Nordeste, a exemplo de Maceió, Fortaleza e, naturalmente, João Pessoa, à época chamada de Parahyba. De certa maneira, é por intermédio das influências cultu-

- ▶ rais de Recife que estas capitais tomam conhecimento do movimento modernista, sobretudo a partir de 1924.

Não habituada, portanto, a políticas culturais que procurassem promover o sistema literário, a Paraíba, a esse tempo, como que vive uma espécie de hiato, caracterizado sobremaneira pela presença marcante do presidente Solon de Lucena. Este, segundo João Lélis (cf. op. Cit., p.69):

(...) exercendo um apostolado democrático poucas vezes registrado no Nordeste, mais intelectual que político, arregimentando a mocidade do pós-guerra, até 1922, quando no apogeu o surto modernista; nisto ele fugiu à craveira comum que era soterrar, quanto antes, quaisquer veleidades literárias, ou mesmo políticas, dos jovens daquele tempo.

Mais adiante, acrescenta o ensaísta:

A época solonista ficou até hoje, e é de presumir-se que ainda por muito tempo, ilhada na seqüência da nossa história literária.

E, afinal sintetizando de modo conclusivo, afirma, à página 70:

Sem sua presença animadora e sua tolerância imperturbável às pretensões dos moços que se agrupavam mesmo fora da órbita padrastal de Carlos Dias Fernandes, ou dela fugindo quando podiam, ou a ela submetidos por estimarem melhor os meios de publicidade existentes, sem essa força constante que era a sua individualidade dinamizadora, estaríamos hoje lamentando uma mais vasta ausência de produção como as que se registraram em quadras anteriores de nossa trajetória literária.

Ensejando, pois, ideais democráticos no plano político, congeminados ao processo de desenvolvimento urbano, em particular na capital, então administrada pelo prefeito Walfredo Guedes Pereira, o governo Solon de

Lucena cria condições para uma efetiva e, razoavelmente, livre participação da intelectualidade paraibana.

Se no terreno administrativo erige-se uma plataforma de governo em consonância com objetivos modernizadores, mais tarde ampliados por João Pessoa, na área cultural, a seu turno, sua gestão não se faz de rogada, na medida em que possibilita os alicerces de sustentação da produção intelectual e, especialmente, literária.

É neste sentido, sobretudo procurando abrigar a produção intelectual da velha e da nova geração, que se encaminha o jornalismo local, tendo à frente o tradicional jornal *A União*, juntamente com suas oficinas gráficas, responsáveis pelo fomento do movimento editorial, e a revista *Era Nova*, certamente o órgão cultural mais característico da década de vinte.

No tocante, particularmente, às manifestações literárias, tanto *A União* como a *Era Nova* são fundamentais, uma vez que funcionam como espaço de veiculação de ideias, canal de publicação de textos, trincheira das discussões intelectuais e, em certo sentido, espécie de radar das repercussões do Modernismo, principalmente depois que Joaquim Inojosa, em 1924, envia, aos editores da *Era Nova*, a famosa carta, *A arte moderna*.

Portanto, para se aquilatar o clima de efervescência cultural, na década de vinte, com suas implicações no território poético, são fundamentais as contribuições de *A União*, da *Era Nova* e da carta, *A arte moderna*, de Joaquim Inojosa. Estes, na verdade, constituem os três fatores principais na ambientação do debate literário e poético, a essas alturas já polarizado em torno das repercussões do Modernismo. ✖

CONTINUA NA PRÓXIMA
COLUNA....

Hildeberto Barbosa Filho (HBF) é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB - Universidade Federal da Paraíba e membro da APL - Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: *Nem morrer é remédio: Poesia reunida*; *Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba*; *Literatura: as fontes de prazer*; *Os livros: a única viagem, e Valeu a pena*.

A vez DAS MEMÓRIAS E BIOGRAFIAS

Clemente Rosas
Especial para o *Correio das Artes*

A ficção brasileira vem se arriscando por caminhos tortuosos e pouco iluminados. Já enfrentei o tema em várias ocasiões passadas. Assim o fiz nos ensaios “Marília e seu Pássaro Secreto” (*Correio das Artes*, dezembro de 2021), “De Romancistas, Bra-

sileiros e Russos” (Revista *Será?*, agosto de 2017) e, mais remotamente, “Em Favor da Literatura Instrumental” (*Correio das Artes*, novembro de 1977), este incluído no meu livro *Coco de Roda – Treze Ensaios Iluministas* (Edição FUNDARPE-CEPE, 1996). A minha tese, que vou apenas resumir agora, é que, esgotadas as fortes motivações sociais que impregnaram os romances dos anos 30 do século passado, a nossa ficção mergulhou no intimismo dos dramas urbanos, sem perspectivas alentadoras, nem claras lições de vida. Exceções feitas, naturalmente, a Ariano Suassuna, Guimarães Rosa, Mário Palmério, José Cândido de Carvalho, um ou outro que ainda tenha encontrado inspiração em questões regionais e sociais.

Particularmente agressivo fui (ainda moço, e propício à indignação, naqueles idos de 1977) em relação ao ficcionista francês M. Robbe Grillet, que foi apresentado aqui em João Pessoa como um arauto do “nouveau roman”, e andou pontificando em nossa terra com a proposta de “uma literatura objeto, não alienada a finalidades externas”, fazendo afirmações como “a forma é a

FOTO: MARCOS RUSSO/A UNIÃO



Ramalho Leite e a capa de seu mais novo livro, obra que não fala apenas de seu autor, mas também do contexto dos fatos



Lançamento de 'Era o que eu tinha a dizer' ocorreu no dia 27 de janeiro de 2022, durante o 'Por do Sol Literário', na Academia Paraibana de Letras

► mensagem”, ou “escritor autêntico é aquele que nada tem a dizer, romance autêntico é aquele nada significa”. A isto contrapôs apenas a afirmação de Ferreira Gullar: “Só tem sentido fazer literatura quando for para mudar as coisas”.

Faço estas considerações para tentar explicar porquê as memórias e biografias têm tido tão boa acolhida do público nos dias atuais. Cansados do esforço em decifrar os enigmas ficcionais, em tatear na obscuridade das almas humanas perquiridas, em afundar no pessimismo dos “heróis problemáticos” dos romances intimistas de hoje, é nas memórias e nas biografias que os leitores vão buscar lições de vida, modelos a seguir ou a rejeitar, verdades ocultas a descobrir.

Tomou como referência o livro *Era o que eu tinha a dizer* (MVC/ Forma, 2022), recém lançado por Ramalho Leite, político de “longo curso”, que deve ser lido agora na condição atual de membro e presidente da Academia Paraibana de Letras. Para mim, sem arroubos laudatórios, foi um encontro agradável, surpreendente em um livro de político. Sobretudo porque ele segue a primeira regra, a meu juízo, para o bom êxito das memórias: não falar apenas do autor, mas também do seu entorno, do seu con-

texto, despindo o manto de herói e abrigando-se nas vestes da humildade. Acrescente-se a isso uma pré-condição fundamental: a sinceridade.

O memorialista teve longa carreira de político, passando por vários partidos, da situação ou da oposição, até encerrá-la, segundo sua modesta e quase surpreendente avaliação, pelo mais inquestionável dos impeachments: a falta de votos. Foi prefeito municipal, deputado estadual, deputado federal, diretor do Banco do Nordeste, apoiou vários governadores, com quem manteve relações cordiais, mesmo mudando de palanque, em razão de circunstâncias diversas.

O que, considerando a atual conjuntura, não significa nada: os partidos brasileiros há muito não apresentam diferenciação programática ou ideológica. E ele tem a elegância de não fazer juízo negativo de nenhum dos seus chefes, mesmo daqueles que se tornaram adversários, ou tiveram momentos de desgraça.

Ramalho Leite reconhece o erro de ter apoiado, no primei-

ro momento, o golpe militar de 1964, e explica como passou à oposição, em mais uma demonstração de honestidade. E segue com a narrativa de sua aventura política, matizada, cheia de altos e baixos, sempre em estilo simples e tom empático, com leves toques de humor.

Todas as personalidades da política paraibana mais recente, mescladas à vida do narrador, desfilam aos nossos olhos, sem auréolas nem deformações. Eu que, mesmo à distância, sempre acompanhei os eventos políticos de minha terra, pude mergulhar em detalhes pitorescos e divertidos. E posso assim reafirmar: atualmente, leio biografias com mais gosto do que romances.

Enfim, para os jovens que se dispõem ainda a encarar a carreira política, promissora em alguns casos, frustrante em tantos outros, o nosso memorialista, em seu livro de título tão feliz, deixa um recado. Está no capítulo 35, com leve toque de amargura, mas também de resignação: “O político não tem amigos, tem instantes de amizade”. ✖

Clemente Rosas Ribeiro nasceu em João Pessoa, em 27 de setembro de 1940. É formado em Direito pela Universidade Federal da Paraíba e pós-graduado em Desenvolvimento Econômico. Foi Procurador-Geral da Sudene. Integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’ e ‘Lira dos anos dourados’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).

Era de nascença...

Luiz Augusto Paiva da Mata
Especial para o *Correio das Artes*

*Irene preta,
Irene boa,
Irene sempre de bom humor.
Imagino Irene entrando no céu:
_ Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
_ Entra Irene. Você não precisa pedir
licença.*
Manuel Bandeira

Assim como a de Bandeira, minha Irene entrará no céu sem pedir licença. Pedro bonachão, não lhe negará ingresso. Mas, por enquanto, eu usufruo de sua presença. Grande alma a de Irene! Fiz-lhe de criada em algo que o parentesco não pode definir. A boa negra embalou-me o sono de menino, tomou-me as primeiras lições, enfiou-me goela abaixo terríveis doses de fortificantes, foi-me impiedosa com a vara de marmelo sempre que me surpreendia “fazendo arte”. Já rapagão, confidenciei-lhe a presença de algumas perebas (adquiridas em minhas fugidinhas noturnas) ao que pronto minha excelente “Ana Neri” recomendava algumas compressas de sua mezinha e o poderoso Tetrex, muito em moda na ocasião. ▶

ILUSTRAÇÃO: TONIO



► Lia às escondidas minhas correspondências e vinha tecer comentários com fumos de galhofa, aludindo desabonadores palpites sobre os secretos conteúdos daquelas missivas. Ai de mim se repressesse minha censora! Terrível a minha Irene! Hoje a boa negra, sem o mesmo vigor de outrora, gerencia-me a casa, pondo minha prole nos eixos, já que a minha liberal metodologia não tem a mágica eficácia de sua respeitabilíssima vara de marmelo, batuta com a qual rege meia dúzia de endiabrados componentes de nossa filarmônica.

À minha mulher aconselha nos temperos e a mim em coisas da literatura. Não há escrito meu em que ela não enfie os bedelhos; e tenho de submeter meus textos à sua crítica ferina. Fez-me rasgar alguns contos de minha lavra. Impiedosa em sua análise de estilos. Surpreendeu-me sempre seu “faro literário”, ainda que a pobre não tivesse “terminado o grupo”, como sempre em sua modéstia fizesse questão de mencionar.

Ando as voltas com um romance. Tem-me tomado as noites e as personagens teimam em não ganhar o brilho que minha pena pretende lhes emprestar.

Irene, aconselha-me:

— Essa criatura está muito frufu, chata. Devia ter mais vida pra gente gostar dela. Muito sem tempero — sentença.

Algumas vezes, irrita-me.

— Irene, por que não tenta escrever? Quero ver suas personagens com mais vida do que as minhas — cobre empinando o nariz em notório desafio.

— Mas eu escrevo. Do meu jeito, mas escrevo. Sem esses volteios, pra lá, pra cá e que não dizem nada — era uma crítica velada ao meu pretensão pendor literário..

— Pois, mostre-me, Irene. Faça questão de ler. Prometo não ser cruel em meu julgamento... Como é o proceder de certa criatura.

Logo, me apareceu a boa negra abrindo um velho caderno onde eu sempre julguei haver receitas de sua culinária cabocla. Irene folheou o caderno e indicou-me sua peça.

— Ainda não passei a limpo, mas dá para ler.

Fixei-me em sua caligrafia arredondada e entreguei-me à leitura. Era assim:

Sempre foi do mesmo jeito. Totonho faz isso, Totonho faz aquilo, Totonho vem cá. O pior sempre sobrava pra mim. Cardo, não. Tinha privilégios até na hora em que a gente ia arrumar a cozinha: ele lavava e eu enxugava. Na horta eu arrancava tiririca e ele aguava. Tudo de bom era com o Cardo. . Tudo. Até vergonha tinham de mim. Era só chegar visita, que me mandavam pro quarto, de forma que não vissem a “peste ruim”, porque era desse jeito que meu pai me chamava quando tomava um martelo a mais de cachaça e vinha me dando uns croques, dizendo que era muita desgraça ter um filho daquele jeito.

Com Cardo era tudo diferente. Acho porque não era coxo que nem eu. Não precisava arrastar as pernas, não tinham vergonha dele, deixavam até ele usar faca de ponta na cinta, que nem gente grande.

Só no ano passado é que me pusem na escola pra aprender as letras e as contas. Cardo já estava no Admissão e iria loguinho, loguinho pro ginásio. Agora eu já não erro troco e sei a tabuada todinha. Tá aqui na ponta da língua. Sei até conta de vai um.

Mas tinha uma coisa aqui no bairro d’Os Melo que fazia as pessoas morrerem de inveja de mim. Ninguém teve igual. Porque duvido que algum dia tenha existido uma cabra mais bonita e mais inteligente do que Bitojane, Até Cardo tinha despeito, já que Tarzan vivia cheio de pulgas e não era ensinado. Tem medo até de tiro de garrucha. Nem na corrente o porqueira ficou bravo.

Foi quando eu tive coqueluche, que meu padrinho, o Nestor da Edivirges, trouxe a cabritinha que acabara de perder a cria e tava assim de leite. Acharam que leite com quina ia ser bom pra tosse e poderia até dar um auxílio pras minhas pernas. Foi um santo remédio pros peitos. As pernas ficaram daquele jeito mesmo. Era de nascença.

Quando acabou o catarro e eu já podia sair na friagem é que minha mãe avisou que era eu que devia dar um jeito de cuidar da criatura e daí em diante ela nunca mais deixou de chamar Bitojane de Criatura.

Sempre tive muita paciência pra ensinar Bitojane e ela ficou tão sabida que só faltou aprender a falar, mas acho que ela entendia tudo que eu conversava. Quando levava ela pro pasto, não precisava nem amarrar a cordinha nela, porque ela vinha do meu lado toda obediente. Ai então, é que eu trocava ideia com ela e Bitojane adivinhava se

eu estava contente ou triste, só de olhar para mim. Minha mãe não gostava daquilo. Achava que além de tudo eu era maluco porque eu ficava conversando com a Criatura, que eu devia ser que nem o Cardo que não tem miolo mole.

Milho, eu dava pra ela na boca. Vinha comer aqui, oh! Não tirava os olhos de mim. Se eu dava pouca ração, puxava pelas minhas calças pedindo mais. Parecia até gente. Era valente também. Tanto que o Tarzan não fazia prosa com ela, com aquela mania dele de judiar da criação. Noutra dia mordeu o ubre da Riqueza, que tava de bezerrinho novo. Fez a maior ferida. Mas com Bitojane ele não se fazia de besta, que ela vinha de chifre em cima dele e o tranqueira saía latindo miudinho.

Por causa de Bitojane, começaram a implicar ainda mais comigo. Onde já se viu eu não largar daquela coisa o tempo todo? Que eu ficava esquecendo das obrigações, que era isso, que era mais aquilo outro. Era inveja! Só podia ser. Cardo ficava caçoando de mim, dizia que eu tinha cheiro de bode grudado até nas partes! Nos da frente e nos de trás. Mas na hora de apartar as vacas, era eu mais o agregado Vicente, o negrão, é quem dávamos conta das tarefas. Cardo nem pra me ajudar a subir no tordilho, cavalo do passo-picado, o melhor da propriedade, mas pra montar é um trabalhão. Nunca vi cavalo mais cosquento.

Podia dar sol ou bater chuva que Bitojane ficava ali no mangueiro esperando a separação das vacas, e era só Tarzan chegar que ela já dava uma corrida nele. Vicente ria de dar dor de barriga. Tava até pensando em levar Bitojane pra caçar uns macucos e mandar o retireiro ordenhar Tarzan.

Depois que fui pra escola deu a maior tristeza nela. Tinha de amarrar a bichinha na porteira. Ela não se conformava. Enquanto eu não voltasse, ela não parava de berrar. Demorou pra pegar costume. Depois era uma lindeza, ficava no maior comportamento. Só quando me avistava passando pelo cruzeiro, me benzendo, então ela começava a berrar, doida de tanta satisfação. Ai eu esquecia ser o lugar mal assombrado, onde à meia noite a sacizada se encontrava com as almas dos falecidos. Vicente é quem tinha me contado esses casos. Fazia força pra dar uma carreira por conta dos preventivos e ia desenroscar Bitojane das cordas. Minha mãe via tudo aquilo da janela e passava pito em mim quando eu entrava, que se eu não tomasse juízo



- *ia me mandar pro Preventório Santa Clara pra eu pegar responsabilidade com a vida.*

Foi ontem que eu escutei uns pedaços de conversa. Minha mãe falava uns aconselhamentos pro meu pai, achava melhor internar aquela peste, pois não tinha feito nada na vida pra pagar tanta provação. Cardo já tinha dormido. Eu tinha tido sonho ruim e acordei. Logo descobri que falavam de mim, da “peste ruim”, que se Deus me tivesse levado teria sido melhor pra todo mundo. Sempre soube disso e nunca fiz conta. Nada do que eu fazia tava bom. Acostumei. A gente quando tem defeito sabe que os parentes não dão valor. Ainda mais eu que tenho mania de falar sozinho, de conversar com Bitojane. Só Vicente não bole comigo, me chama de vaqueiro e me deu um canivete Corneta pra eu cascar laranja e cortar gancho de estilingue.

Hoje meu pai me chamou quando eu punha farinha de milho no café e perguntou se eu ia ou não ia criar juízo, que andar com aquela cabrita de uma lado para outro não era coisa de gente com cabeça boa, ainda mais conversando com a criação, que tava falando pro meu bem, que isso, que mais aquilo. Não entendi nada, porque não sabia mentir e não ia parar de dar agrado pra Bi-

tojane. Então ele ficou muito sério, andando pela cozinha, tirando graveto do fogão para acender a palha do cigarro. Chamou o Vicente e mandou ele levar minha cabrita pro sítio do Cidão, por conta do milheiro de tijolo que tinha emprestado, que apaga tava boa e o Cidão não precisava se preocupar com a volta. Se fosse o caso aceitava um quarto dianteiro pra defumar, mas não tinha precisão.

Ainda me deu uma coça por acerto da manha que eu abri quando desconfeiei de seus ordenamentos. Vicente, meu amigo, cochichou pra mim que ia me levar junto e ia falar com o Cidão pra criar a cabritinha solta no pasto e assim, eu ia poder ir lá de vez em quando e matar a saudade.

Bitojane veio toda oferecida, pensando ser a vez de comer milho. Ali mesmo abracei ela e chorei como nunca mais choraria em toda a minha vida. Dessa vez ela não entendeu o que eu queria dizer. Vicente me confortava, dizendo pra eu deixar o Cidão com ele.

Tomamos o caminho do pasto e

custou fazer Bitojane entender que a caminha era mais comprida que a de costume. Ela até empacou na beira do corgo. Não estava acostumada a atravessar as águas da divisa. Vicente teve que pegar ela no colo e me falou pra eu não contar nada pro meu pai da sua proteção comigo e que eu ficasse sossegado, já que o Vicente não era de todo mau. Eu não devia fazer juízo dele por conta dos leitões que ele vinha capar pro meu pai, porque aquilo era da profissão e quem é temente a Deus que nem ele, não iria fazer tamanha judieira com uma criança.

Quando chegamos, Cidão mesmo atendeu e aceitou o trato de meu pai. Vicente chamou ele prum canto e teve um particular enquanto que eu chorei o resto que tinha pra chorar. Bitojane entendeu que era despedida. Olhou pra mim do jeito mais triste que eu já tinha visto.

Nem me lembro do jeito que voltei. A gente nem tinha passado a volta da figueira quando ouvimos o último grito de Bitojane. Vicente me segurou pelo braço e ficamos um tempão parados. Depois, eu vi aquele bruta homem chorar que nem criança, mais até do que eu.

Quando cheguei em casa veio a febre. Vicente diz que eu falei dormindo. Agora é ele quem dorme encostado na cadeira. Parece um anjo preto. Já nem tenho vontade chorar. Não posso acreditar que fizeram uma judiação tão grande com Bitojane. Da cozinha vem cheiro de tempero socado no pilão. Minha mãe fala que pelo menos pra aquilo serviu a Criatura. Eu sinto uma pontada no peito. Parece a faca de ponta do Cardo me espetando o coração.

- Gostou?

- Claro, Irene! Queria ter o seu dom para elaborar tramas com tal habilidade. Não poderia estar melhor. Mas me conta, onde você achou um nome tão mimoso para a cabra?

- Tive uma cabra com esse nome. Faz tempo. Muito tempo...

Saiu indiferente, levando o caderno e arrastando sua perna atrofiada, que não houve médico que desse jeito. Era de nascença... ❖

Luiz Augusto Paiva é professor de matemática e escritor. Tem livros publicados de contos e crônicas. Escreve semanalmente para o jornal “A União”. É membro API e, atualmente, é presidente da União Brasileira de Escritores - seção da Paraíba (UBE-PB). Natural de Campos do Jordão (SP), reside em João Pessoa (PB).



A missa do cupê

Eduardo Luna

Especial para o *Correio das Artes*

A gostinho Santos, ao descer do rico cupê que lhe servia de transporte e anúncio glorioso, com o braço entrelaçado ao de sua esposa Natividade, passeou os olhos pelos semblantes de curiosidade e espanto que ora o cercavam. Estamos na corte carioca de 1869, o sítio é modesto e uma multidão, amontoada à frente da Igreja de São Domingos, aguarda o início da cerimônia fúnebre.

A princípio sem maior interesse a envolvê-lo, o evento, já agora a contar a presença dos ilustres esposos, ganha ares de realza e atíça a multidão. Tudo é observado: a incluir a vaidade escancarada das figuras que estamos a referir e o porquê de tamanha elegância e pompa em contexto marcado por tão gritante simplicidade. ▶

› O próprio alvo da encomendação religiosa, o falecido escrivão João de Melo, não ostentava reconhecíveis préstimos e merecimento do lustre que então lhe coroa o desfecho da vida. Discreto no avançar dos passos dados, Melo demonstraria a perplexidade do inocente apanhado em delito se pudesse ali perceber figuras tão rebrilhantes.

No entanto, indiferente às bênçãos deitadas sobre si – ou sobre as incertezas que o passamento dos vivos desperta na humanidade –, Melo não tem o ensejo de espreitar o comportamento de Santos e Natividade, tampouco captar-lhes os pensamentos mais secretos, restar-lhe-ia – se algo há no descanso eterno – a glória advinda de uma assistência tão prestigiada.

Sem incidirmos em erro, verdade é que o deslumbramento provocado pelo casal Santos correu a espraiair-se na sequência do tempo e no íntimo dos pobres-diabos que acompanharam o inesquecível lance, donde a comprovação de que os espíritos modestos imaginam a abertura de novos horizontes ante o simples golpe de vista de vultos que se enxergam gloriosos e imortais. De fato, é como se brotos de esperança surgissem sob os passos de personalidades que, a rigor, não ostentam mágica alguma senão o intuito de coroarem as próprias individualidades.

O que fica dito não nos causa estranheza e salta à vista da mínima inteligência que observa a humanidade desde sempre inclinada a atingir alturas celestiais e no cume de montanhas fixar-se gostosamente. O incidente extraído dos jardins do Éden e a oposição do Criador frente à ganância dos primogênitos revelam-nos uma ideia-guia a propósito da vaidade dos homens e do fato de este último sempre esbarrar em soluções egoístas que lhe contabilizem formidáveis lucros.

De retorno ao ambiente da igreja, aqui apanhamos Agostinho Santos com os olhos acesos e o espírito em alvoroço frente ao aplauso mudo que, desde a humilde assistência, afagava-lhe a alma. Nessa altura, correndo o discurso do velho sacristão, o nosso homem não ligava atenção à acústica religiosa que ali se oferecia em socorro à memória do finado escrivão; metido em si mesmo, como imerso num oceano de pensamentos, Santos dava largas à imaginação e contemplava imagens que o punham maiúsculo num universo de medianos; ao seu lado, Natividade, que bem o conhecia, imaginava os devaneios do marido e, condescendente,



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

rendia-lhe ares de cumplicidade que tinham o condão de sublinhar o aplauso geral e retumbar o valor do rico esposo.

Antes de avançarmos, ainda uma observação em abono de Agostinho Santos. Não é bonito atirmos-lhe crítica e olhar desconfiado: o tipo informa-nos bastante a respeito de nós mesmos, encarna o modelo do homem comum que preenche o teatro da vivência social e pauta os protagonismos que lhe são próprios, não nos sendo razoável repudiar o roteiro inscrito em nossas próprias almas, afinal, como bem sentenciado por Fernando Pessoa, “cada um de nós, se deveras se conhece, quer ser rei do mundo”; afirmar o contrário equivale a atirmos pedras na vitrine de nossa própria existência, isto é, para seguirmos em tom metafórico, significa repudiarmos vício que compõe perfil alheio sem a devida atenção ao argueiro que nos macula o espírito.

Com efeito, tal qual Narciso a admirar o seu reflexo no mais acabado ego embevecido, gastamos as horas do relógio pendurados em tramas fantásticas em cujos enredos somos o protagonistas invencíveis e capazes de um sem-fim de dons miraculosos, donde, é natural, os desfechos felizes que sempre nos damos em cenografias

invariavelmente fartas da satisfação de todos os nossos desejos.

Não por acaso, colocamos a humanidade à nossa volta em condições existenciais que outra função não cumpre senão o meritoso desempenho de servir a coroa e o cetro que pensamos poder exercer sem limites, tudo, por óbvio, sem prejuízo de dirigir a esta mesma humanidade a paga que imaginamos justa e que geralmente corresponde às sobras de um desfile de vaidades desprovido de empatia.

Chegados a este ponto, é preciso voltarmos ao início do relato e enfrentarmos o questionamento que aí ficou inscrito, que a presença do casal Santos, acomodada em tão modesto ambiente, é capaz de agitar perplexidades e uma boa discussão acerca de seus méritos.

Nesse rumo, novamente a desnudar o perfil do nosso homem, diga-se que o local contratado para a cerimônia não foi escolhido à toa, antes pelo contrário, Santos atuou com preparo de inteligência, quer dizer, convicto de que a simplicidade do lugar, a estrutura da igreja – despida de aparato –, tudo isto restaria preenchido e, maiormente, compensado por força da régia incursão que Santos imaginava operar com Natividade. ›

▶ A bem dizer, para sermos fieis à torrente de pensamentos que atravessou a inteligência de Santos, é forçoso agregarmos que já se imaginara o efeito de vendaval que o citado contraste causaria na gente pobre assentada à igreja. Mais: permeara a imaginação de Santos homenagear o velho parente – que essa relação existia entre Agostinho e o escrivão – e, de quebra, recolher os frutos da vassalagem que, por certo, ser-lhe-iam dados sob o título de oferenda em meio à contemplação aberta e generalizada, uma vassalagem que, saboreada a goles extensos pelo vaidoso varão, era como a paga do benefício por si prestado em órbita tão singela e desvestida do luxo que lhe era inerente.

Assim embalada a existência de Melo – e despachado o seu espírito aos cuidados da Providência –, em que pesem as condições oferecidas, a caridade e os cuidados de Santos alcançariam os ouvidos da distante parentela de Maricá – donde provinha o finado antes da felicidade de Agostinho arrumar-lhe um espaço no Foro e guindá-lo à condição de escrivão.

Por sinal, Santos, rico capitalista que era, não guardava mesquinhez junto a essa mesma parentela, que a gente humilde de Maricá batia-lhe à porta costumeiramente no rogo de vintém para a subsistência simples, a que respondia o ilustre parente com somas de esmolas sempre acompanhadas de boa feição e, naturalmente, da íntima satisfação de sentir-se cortejado e superior em meio ao populacho que pedinchava.

Ah, Santos arrancava grosso regozijo a essas costumeiras incursões!, como a portar a força de milagres que dão luz aos olhos desprovidos de vida, o nosso homem via-se musculado e portador de dons divinos, que outro não é o sentimento espevitado por ricos níqueis na consciência humana, sempre propensa a aplaudir a fortuna e equipará-la ao tamanho de entidades celestiais.

O que se vem de dizer nos autoriza a jurar que há estados da consciência nos quais a razão é nada – não nos é influente nem contribui –, a delícia extraída dos acontecidos é que persuade e apaixona, fazendo-nos, feito a besta que atende aos seus caprichos, seguir o caminho do amor-próprio num mundo-da-vida em que tudo o mais é desvalorado.

Não vai aí nenhum absurdo ou pretensão de dotar o texto de maior figuração

literária. Por certo, entre um jardim de frutos proibidos e uma boa dose de razão há sempre um estômago pronto para regalar-se à vontade; e, no que nos interessa mais de perto e refere o caso atrás mencionado, entre exercer a generosidade em meio à sua gente e tê-la submissa e a exalar admiração ao pé de si, não cabia dúvida em Santos: irresistível era pôr-se ao modo do monarca que alimenta os seus súditos e lhes exige a mais pronta devoção.

É como se, em meio às seduções que brotam do campo-da-vida, as ponderações ministradas pela razão restassem sempre sob o império destas mesmas seduções; no caso de Agostinho, que não fugia à regra, antes confirmava-a, essa criatura sabia perfeitamente bem alçar os olhos ao céu e guiar as ponderações em contrário à direção dos próprios interesses, regendo-as e apertando-lhes as rédeas, nisto, é possível observar, igualava-se ao maestro que conduz o som musical ao gosto de sua preferência e arte, não restando alternativa senão a acústica individualizada e a serviço de uma única paixão.

Já a tocarmos a conclusão do relato, aí estão Agostinho e Natividade rumo à saída da igreja; passos firmes e calculados, o par atravessa a nave como se em uma apoteose estivesse; a atmosfera de contemplação é penetrante e invade cada poro do vaidoso casal; excitados, sabem deixar um rastro de lembranças no íntimo de cada alma ali presente; lá fora, ar pintado de seriedade, o laçao aguarda e prepara a recepção de seus amos, também ele imagina o barulho ocasionado e antevê o delírio com o qual a modesta cerimônia será referida.

De cima desse quadro, é hora de passarmos uma última quitação: daqui seguirá o casal Santos a projetar uma existência que porte o dom de reproduzir a aparência e a dinâmica encontradas na velha igreja, que o gosto pelo louvor segue vida afora e planta raízes na consciência da humanidade, ou, como prefere o nosso Machado de Assis, “o amor da glória” é “a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição”; pelo lado da gente da igreja, um ramo de esperança: o propósito de criar em sua autoestrada um fio de perspectiva que perto esteja do brilho do majestoso par, afinal, orações atiradas ao altar acendem aspirações e pavimentam o curso de desejos incontidos. ◀

Eduardo Luna, é advogado criminalista, pós-graduado em Direto Constitucional, mestrando em Ciências Criminais pela Faculdade Autônoma de Lisboa (Portugal).



Há cem anos

Neste ano de 2022, o mundo literário vai estar comemorando uma data chave – o centenário do *Ulysses* de James Joyce, romance que problematizou (ou mais que isso) o modo ficcional de narrar. Com esse livro – publicado em 2 de fevereiro de 1922 – morria a história com começo, meio e fim, tão cara à arte do romance do Século 19, que nos deu gênios como Dostoievski, Flaubert, Melville, Dickens, Machado e tantos outros.

No Brasil, a comemoração é dupla, já que 1922 também é o ano da *Semana de Arte Moderna* (de 13 a 18 de fevereiro), que, aliás, como o nome diz, não se limitou à literatura. (Conferir o número anterior do **Correio das Artes**).

De qualquer modo, se 1922 foi, no mundo, um ano tão decisivo para a literatura e, por tabela, para as artes, vale indagar

como teria sido ele para o cinema.

Seria bom começar dizendo que, ao contrário da literatura, no ano em questão o cinema ainda era uma arte incipiente, rudimentar, com apenas 27 anos de idade. (Os primeiros filmes publicamente exibidos, dos irmãos Lumière, são de 1895). Aliás, um meio de comunicação popular, que na ocasião nem todos encaravam como arte.

Das produções conhecidas desse ano de 1922, as que merecem menção especial são, a rigor, duas: *Nanook*, *O Esquimó*, e *Nosferatu*. Com ou sem coincidências, filmes que, à parte a qualidade estética, não ilustram exatamente o padrão do que se entenderia, mais tarde, como sétima arte. O caráter documental do filme de Robert Flaherty, e a ênfase expressionista no de F. W. Murnau, escapam ao modelo semiótico que o cinema do Século 20 consagraria.

E que modelo é esse? Ironicamente, o modelo da narrativa ficcional, diegética, com começo, meio e fim, consagrado pelo romance do Século 19 – aquele derrubado por Joyce e seu *Ulysses*.

Não admira, portanto, que o cinema tenha sido abraçado pelo grande público com tanta boa vontade, repetindo ▶

FOTO: DIVULGAÇÃO



Dirigido por F.W. Murnau, *'Nosferatu'* narra a história de um vampiro, e sua concepção original incluiu filtros de cor para determinar cenas internas, noite, amanhecer e entardecer, por exemplo

o que ocorrera com os romances do século anterior. Neste sentido, não é de modo algum gratuito que a grande inspiração de um fundador da linguagem fílmica, como o cineasta David Ward Griffith, tenha sido justamente o romance de um escritor do Século 19, Charles Dickens.

Para ser franco, se for para apontar datas, a grande data de uma arte nascente como o cinema, antecede de alguns anos o 1922 da literatura. Refiro-me a 1915, ano do filme que, segundo os especialistas no assunto, ensinou o cinema a se expressar em linguagem própria: *Nascimento de Uma Nação* (*The Birth of a Nation*) justamente de David Ward Griffith. Uma pena que essa magnífica superprodução sobre a guerra de secessão, com mais de três horas de duração, trouxesse consigo a indisfarçável pecha de racismo assumido.

De todo jeito, não custa rever brevemente como estava a produção cinematográfica mundial em 1922.

Saída havia pouco da Primeira Guerra, a Europa estava em baixa em todos os setores. Por sua vez, justamente essa baixa europeia impulsionava a nascente Hollywood a estender seus tentáculos comerciais ao exterior, especialmente ao fácil mercado da América Latina.

Grandes cineastas, como John Ford, Charles Chaplin, Raoul Walsh, Cecil B. DeMille, e tantos outros, já atuavam em Hollywood com afinco, todos começando com curtas e logo passando à metragem padrão, de hora e meia. Outros estavam come-



O diretor Robert J. Flaherty e sua câmera passaram um ano acompanhando o esquimó *Nanook e sua família*

çando, como Alfred Hitchcock, com dois curtas metragens, um incompleto e o outro sem créditos: *Number 13* (1922) e *Always Tell Your Wife* (1923). Sua primeira película completa seria lançada em 1925 – *O Jardim dos Prazeres*.

E daí a pouco, com ou sem influência de artes como a literatura e o teatro, começariam a se configurar os gêneros: o drama, a comédia, o horror, o musical, o policial, o thriller, a ficção científica, o faroeste...

Ao lado dos gêneros, e por causa deles ou não, começava a brotar a mitologia cinematográfica, com a consagração popular dos grandes astros e estrelas: Rodolfo Valentino, Douglas Fairbanks, Norma Talmadge, Louise Brooks, Pola Negri, passavam a ser nomes adorados pelas plateias do mundo inteiro.

Na recém criada URSS o documentário fluía com Dziga Vertov e outros, mas o grande marco cinematográfico ainda não estava pronto: *O encouraçado Potemkin*, de Sergei Eisenstein, só apareceria três anos adiante, em 1925.

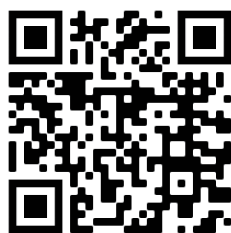
No Brasil, embora se filmasse desde a década de dez, não tínhamos ainda uma grande obra para ilustrar nosso talento. Em 1922 o paulista José Medina realizou o documentário *A cidade de*

São Paulo e a ficção *Do Rio a São Paulo para casar*, mas nada digno de nota. Neste ano, o ciclo de Cataguazes, a ser protagonizado pelo grande Humberto Mauro, ainda não existia, já que seu experimento inicial é *Valadião, o cratera*, de 1925. O mesmo se diga do Ciclo de Recife, cujas primeiras realizações datam também deste mesmo ano.

Não custa lembrar que o primeiro filme a ganhar foros de obra prima na história do cinema brasileiro estrearia nove anos adiante, em 1931: o sublime *Limite*, de Mário Peixoto.

Em 1922, *Ulysses* de Joyce e a Semana de Arte Moderna brasileira, tinham todo um passado a contestar. O cinema, em 1922, ao contrário: só tinha a construir. E construiu. ■

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



Através do QR Code acima, assista ao documentário *Nanook, O Esquimó*, com legendas em português

A treta de Pedro Faissal

Treta

Se engrace pra você ver
Um povo feio e enfezado
Andando todo atropelado
Pela contramão

Se abraçe pra você ver
Cura na hora a raiva
Afeto vale mais que luta
Uma revolução

Só não vá entrar na Treta
Só não mexa com meus irmãos
As verdades são mentiras
Que venceram até as eleições

Se esbarre e logo vai ver
É truculência animosa já de cara
Tudo fruto de uma falta
De educação

Se afaste pra você ver
É tudo curso de uma falta escondida
De carinho, de colinho, injustiça
Falta de atenção

Só não vá entrar na Treta
Só não mexa com meus irmãos
As verdades são mentiras
Que venceram até as eleições



O paraibano Pedro Faissal, autor da música

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

COMPREENSÃO:

O eu lírico apresenta a possibilidade do ato de engracear, colocando pessoas realçadas de ódio e birra, andando de forma desorganizada e em direção oposta. No sentido da expressão “feio”, temos o significado em alemão, a palavra *hässlich* que é ódio, tendo o mesmo prefixo de *hässlich* (feio). É como se a aura do ser humano fosse ficando feia por dentro, ou seja, a polarização do ódio através do poder da classe dominante causou essa transformação. Exemplo: “Se engrace pra você ver / Um povo feio e enfezado / Andando todo atropelado / Pela contramão”.

O simples ato de se abraçar é uma forma de recuperar a saúde. Além disso, nos ajuda a lidar com diversas emoções, tendo como exemplo “a cura”, quer dizer, a afetividade no dia a dia transforma tudo o que diz respeito à vida humana. Exemplo: “Se abraçe pra você ver / Cura na hora a raiva / Afeto vale mais do que luta / Uma revolução”.

O eu lírico pede para não entrar em incompatibilidade e não criar um clima de animo-

sidade com os seus. Nesse instante, o que era verídico passou a não ser mais, já que só foi em período eleitoral (o povo só é enganado no período eleitoral, mas se revela contra a demagogia). Exemplo: “Só não vai entrar na treta / Só não mexa com meus irmãos / As verdades são mentiras / Que venceram até as eleições”.

O eu lírico usa o termo “esbarre” como uma forma de ameaça a quem vai de encontro criando uma violência aguerrida (corajosa, forte), provida de um povo incivilizado. Exemplo: “Se esbarre e logo vai ver / É truculência animosa já de cara / Tudo fruto de uma falta / De educação”.

O eu lírico reforça a falta de afetividade na estrofe final, enfatizando que, apenas enxergando a realidade por fora nós conseguimos perceber o ódio causado pelo abandono afetivo. Exemplo: “Se afaste pra você ver / É tudo curso de uma falta escondida / De carinho, de colinho, injustiça / Falta de atenção”. Esse mesmo abandono afetivo é o resultado da falta de referência paterna e metaforizada no nosso dia a dia na classe menos favorecida. A falta de apoio paterno e materno se misturam com a crise de autoritarismo resultando em ódio, em outros termos, o ódio do menino de rua gera o ódio da classe dominante que alimenta o sentimento. Dessa forma, o ódio é interpretado como um sentimento “normalizado” e constitutivo na nossa sociedade pelas pessoas que defendem o “status quo”. ✖



Através do QR Code acima, ouça a canção ‘Treta’

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro ‘Eu Lírico’ (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB).

JORNAL A UNIÃO,
O ÚNICO EM
SUAS MÃOS.

Há 128 anos **A União** está presente na vida dos paraibanos e é o único jornal impresso em circulação no Estado.



A UNIÃO



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

© SESC

CUIDA DO SEU SORRISO



Agende sua consulta.
Segunda a sexta | 07h às 19h
(83) 3241-3494 / (83) 99996-0092

